



*A. E. G. W.*

**Três contribuições de Emílio Goeldi (1859-1917)  
à arqueologia e etnologia amazônica**  
Three contributions of Emil Goeldi (1859-1917)  
to amazonian archaeology and ethnology

Nelson Sanjad<sup>I</sup>  
João Batista Poça da Silva<sup>II</sup>

**Resumo:** O texto apresenta três contribuições do zoólogo suíço Emílio Augusto Goeldi (1859-1917) à arqueologia e etnologia amazônica, publicadas em alemão entre 1900 e 1906, quando era diretor do Museu Paraense, em Belém (PA), Brasil. A primeira é um artigo de divulgação científica sobre a descoberta da cerâmica Cunani, ocorrida em 1895, no norte do Amapá, Brasil. A segunda expõe os achados arqueológicos do Museu Paraense na foz do Amazonas, área identificada como prioritária para pesquisas do gênero, incluindo as cerâmicas encontradas em Maracá (AP) e na ilha de Marajó (PA), e as estatuetas líticas originárias do Baixo Amazonas. A terceira descreve o uso dos machados de pedra pelos índios Baikiri. As três contribuições comprovam o interesse de Goeldi pelo estudo da cultura material e pela compilação de dados que permitissem um melhor arranjo dos troncos etnolinguísticos indígenas, fazendo a junção, de maneira bastante habilidosa, dos recursos intelectuais proporcionados, na época, pela etnologia, pela arqueologia e pela linguística.

**Palavras-chave:** Emílio Augusto Goeldi (1859-1917). Museu Paraense Emílio Goeldi. Coleções arqueológicas. Arqueologia amazônica. Etnologia amazônica.

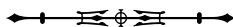
**Abstract:** The paper presents three contributions of the Swiss zoologist Emil August Goeldi (1859-1917) to Amazonian archaeology and ethnology published between 1900 and 1906, in German, when Goeldi was the director of Paraense Museum, in Belém, Brazil. The first paper is a scientific divulgation article about the Cunani pottery, discovered in 1895 in the north of the Amapá state, Brazil. The second paper deals with archaeological artifacts found in the mouth of Amazon River, an important area for this kind of research, including the pottery found in Maracá, in the Amapá state, and in the Marajó Island, in Pará State, plus the lithic statues from the Lower Amazon. The third paper describes the use of lithic axes by the Baikiri Indians. These contributions show Goeldi's interest in the study of material culture and data compilation for the improvement of the knowledge about the Amazonian ethnolinguistics stems, proposing an ingenious union of intellectual resources provided by ethnology, archaeology and linguistics at that time.

**Keywords:** Emil August Goeldi (1859-1917). Emilio Goeldi Museum of Para. Archaeological collections. Amazonian archaeology. Amazonian ethnology.

---

<sup>I</sup> Museu Paraense Emílio Goeldi. Coordenação de Comunicação e Extensão. Belém, Pará, Brasil (nsanjad@museu-goeldi.br).

<sup>II</sup> Universidade Federal do Pará. Casa de Estudos Germânicos. Belém, Pará, Brasil (joaopoca@hotmail.com).



Em 1894, o zoólogo suíço Emílio Augusto Goeldi (1859-1917) assumiu a direção do Museu Paraense, fundado em 1866. Com o apoio do governo do estado do Pará, promoveu uma reforma na instituição, que mudou por completo seu perfil, sua estrutura e sua agenda da pesquisa. Goeldi concentrou as atividades do antigo museu na história natural e na etnografia, embora tenha priorizado, na divisão de recursos e de cargos, a zoologia e a botânica (Sanjad, 2005; 2006). Ainda assim, Goeldi executou, de acordo com as expectativas do governo e de intelectuais paraenses, como José Veríssimo (1857-1916) e o Barão do Marajó (1832-1906), algumas investigações de cunho antropológico.

A principal delas decorre de uma expedição realizada em 1895 ao litoral norte do Amapá, no contexto da disputa entre Brasil e França por parte do território da antiga Guiana Brasileira (Sanjad, 2005). Nessa ocasião, Goeldi e sua equipe encontraram em Cunani, por acaso, poços artificiais contendo grande quantidade de cerâmica indígena, que se tornaram conhecidos mundialmente em 1900 graças à publicação da memória “Excavações archeologicas em 1895” (Goeldi, 1900a), contendo a descrição do local do achado e do material, ilustrada com estampas cromolitográficas ressaltando as formas, as cores e os motivos decorativos. A questão da origem étnica dessas cerâmicas foi o principal ponto explorado por Goeldi. O zoólogo comparou a cerâmica local com a tipologia empregada por João Barbosa Rodrigues (1842-1909) para analisar os vestígios da necrópole Miracangüera, descoberta por ele no Amazonas. Goeldi também balizou sua narrativa pelos escritos de Henri Coudreau (1859-1899), considerados pelo zoólogo pouco precisos, sobretudo com relação à provável origem dos índios de Cunani. Para Coudreau, seriam Tupi. Para Goeldi, Aruak.

Alguns anos antes, o diretor do Museu Paraense já havia manifestado seu interesse pela diversidade etnolinguística da Amazônia, para ele, pouco estudada e valorizada por antropólogos e historiadores. O assunto foi tema de uma conferência ministrada no museu em 1896, publicada dois anos depois no “Boletim do Museu Paraense de História e Ethnographia” (Goeldi, 1898). Em

“O estado actual dos conhecimentos sobre os índios do Brasil, especialmente sobre os índios da foz do Amazonas no passado e no presente”, o zoólogo dialoga com as obras de Karl Phillip von Martius (1794-1868), Karl von den Steinen (1855-1929) e Paul Ehrenreich (1855-1914), sobretudo no que diz respeito à identificação de troncos etnológicos. Segundo Goeldi, a partir da obra do primeiro, os dois últimos estariam realizando uma “reforma radical” nos estudos sobre os índios brasileiros, que incluía a associação entre antropologia física, lingüística e etnologia na análise das tribos já conhecidas e das recém-descobertas, bem como a revisão da “Tupi-mania”, ou seja, do nivelamento cultural feito pelos religiosos missionários a partir das línguas Tupi e do pouco interesse que os historiadores demonstraram em pesquisar povos de outros troncos lingüísticos, “como se eles não formassem factor e elemento integrante entre os componentes do conjunto etnológico dos aborígenes brasílicos” (Goeldi, 1898, p. 402).

Goeldi adotou o sistema proposto por Steinen, composto pelos troncos Tupi, Gê, Karaíba, Nu-Aruák, Karajá, Pano, Miranha, Guaycurú e pelos “restos” do grupo Goytacás (Puri). Com base nessa divisão, esboçou um programa de trabalho para o Museu Paraense, cujo objetivo era “resolver pontos de interrogação, juntar material novo, original, (...) ganhar provas que permitam uma opinião, um julgamento pessoal e independente pró ou contra [as doutrinas etnológicas em voga]” (Goeldi, 1898, p. 409). Esse julgamento foi antecipado no mesmo texto, quando Goeldi apresentou e analisou o material arqueológico existente no museu, tal qual um “arquivo escrito em barro” (Goeldi, 1898, p. 410), proveniente do Marajó, norte e sul do Amapá e Baixo Amazonas (Faro e Trombetas), defendendo sua origem Aruak. Dessa maneira, Goeldi defendia, também, a prioridade de coleta e de investigações voltadas para esse grupo com vistas a complementar o quadro social brasileiro.

Ambos os textos, publicados em português, são bem conhecidos dos leitores brasileiros e também dos estrangeiros, devido à ampla divulgação e distribuição que o próprio Goeldi fazia das publicações do Museu



Paraense. Restam, contudo, da lavra do zoólogo suíço, três textos antropológicos publicados em alemão, todos de acesso mais difícil. O primeiro é um excerto da memória sobre as descobertas de Cunani, intitulado "Altindianische Begräbnishöhlen im südlichen Guyana und in den selben vorgefundene kunstvolle Töpfereiprodukte" (Cavernas funerárias artificiais de índios hoje extintos no sul da Guiana e a cerâmica ali encontrada) e publicado no mesmo ano na revista de divulgação científica "Die Schweiz", de Zurique (Goeldi, 1900b). Os dois últimos foram apresentados no 14º. Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Stuttgart no ano de 1904, sob a presidência de Steinen. Ambos foram publicados nos anais do congresso, dois anos depois.

Em "Altindianische Begräbnisurnen und merkwürdig Ton- und Steinidole aus der Amazonas-Region" (Urnas funerárias de povos indígenas extintos e curiosos ídolos de barro e pedra da região amazônica), Goeldi expõe os achados arqueológicos do Museu Paraense na foz do Amazonas, área identificada como prioritária para pesquisas do gênero. Descreve as urnas funerárias encontradas em Maracá, identificadas com povos caraíbas; compara os ídolos de cerâmica do Marajó com as estatuetas Carajá, acreditando que o uso daqueles poderia ser compreendido por analogia com a função social das estatuetas; e apresenta três ídolos de pedra, os quais seriam representações míticas da luta do ser humano com as forças da natureza, próximas, segundo Goeldi, da cultura Nahua, localizada na América Central (Goeldi, 1906a).

Nesse texto, Goeldi informa que estava preparando duas outras memórias sobre arqueologia e etnologia amazônica, ilustradas com dez estampas cada. As memórias nunca foram impressas, mas as estampas sim. Foram apresentadas publicamente pelo próprio Goeldi durante o congresso, que a elas se remete com frequência no texto. Essas estampas litográficas, atualmente conservadas no Arquivo Guilherme de La Penha, do Museu Goeldi, foram conhecidas, ao longo de um século, por muito poucas pessoas. Alguns pesquisadores as citaram, outros as reproduziram em obras com acesso

restrito (Fonseca Junior, 2004, 2007; Ferreira, 2007), mas nunca haviam sido, efetivamente, publicadas. Na tradução que segue adiante, as estampas foram incluídas e organizadas tal como Goeldi as citou no texto, independentemente de sua numeração. As dez primeiras, elaboradas a partir de fotografias originais de Goeldi, se referem à planejada obra sobre as cerâmicas de Maracá (AP), descobertas em 1896 por Aureliano Pinto de Lima Guedes (Guedes, 1897). As outras dez, elaboradas a partir de fotografias tiradas por Gottfried Haggmann (1874-1946), foram elaboradas para a memória que trataria dos ídolos amazônicos, incluindo cerâmicas da ilha de Marajó, artefatos líticos do Baixo Amazonas, cerâmicas Carajá e fragmentos de cerâmica tapajônica. No seu conjunto, as estampas permitem vislumbrar a qualidade do pensamento de Goeldi, pois organizam uma narrativa visual bastante sofisticada e coerente – e que prescinde de maiores descrições textuais.

Por sua vez, em "Über den Gebrauch der Steinaxt bei jetzt lebenden Indianern Südamerikas, speziell Amazoniens" (Sobre o uso dos machados de pedra de índios sul-americanos, especialmente amazônicos, atualmente existentes), Goeldi dialoga diretamente com Steinen, lembrando do momento em que conhecera pessoalmente o etnólogo alemão, na década de 1880, quando este apresentou na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro os resultados de sua expedição ao Xingu. Segundo Goeldi, a forma como havia sido descrito o uso dos machados de pedra pelos índios Baikiri deveria ser revista em razão das informações que coletara no Museu Paraense. Em vez de passar semanas, e mesmo meses, golpeando uma única árvore, os índios, na verdade, retiravam a casca e o córtice, promoviam o ressecamento da árvore e consorciavam o uso do fogo e do machado para o esmagamento do tronco junto à linha de corte. Executavam esse serviço de forma "habilidosa" e com um "senso prático" que não se coadunavam com o "papel estúpido de alguém que desperdice irrefletidamente suas forças e golpeie por meses sem se dar conta de seus recursos" (Goeldi, 1906b, p. 443).

Os três textos, pelo valor científico e histórico que possuem, seguem, pela primeira vez, traduzidos para o

português neste número do “Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas”. Eles permitem não apenas um melhor conhecimento do pensamento de Goeldi, com frequência analisado de maneira enviesada ou reducionista por antropólogos e historiadores, como também do corte efetuado pela etnologia alemã do final do século XIX, com a qual Goeldi dialogava, com relação às interpretações recorrentes no Brasil sobre a etnologia e a formação social do país, balizadas por questões raciais geralmente vinculadas aos debates sobre a escravidão, a necessidade de mão de obra para a lavoura, a identidade do povo brasileiro, a miscigenação e a possibilidade de desenvolvimento e civilização nos trópicos (Ventura, 1991; Maio e Santos, 1996; Lima, 1999; Sanjad, 2009).

O próprio diretor do Museu Paraense fez questão de demarcar o tipo de debate que lhe interessava, desqualificando as discussões antropológicas existentes no Brasil. Segundo Goeldi, a maioria das coleções etnográficas formadas no país, particulares ou em museus públicos, era um “mero aglomerado fragmentário, debaixo do domínio do cego acaso”. Isso demonstrava que a etnografia no Brasil ainda não era uma ciência e que era necessário sair desta “fase embrionária” estudando-se “metodicamente uma tribo depois da outra, debaixo dos múltiplos pontos de vista de sua historia, de sua atual residência e extensão, do seu número, dos seus costumes em paz e em guerra, da sua vida doméstica e expedicionária, do seu intelecto e de suas crenças, dos seus utensílios e armas, da sua configuração física, da sua língua, etc., etc. É preciso demorar-se entre eles, para obter-se um estudo monográfico aprofundado e uma coleção etnológica completa (...)” (Goeldi, 1895, p. 222-223). Essa posição, do ponto de vista metodológico, é próxima dos autores que formam o que hoje denominamos escola etnológica alemã (Coelho, 1993; Sanjad, 2001; Drude, 2005).

Os trabalhos antropológicos de Goeldi, tanto os que seguem neste número do Boletim quanto os demais, confirmam que o debate que interessava ao zoólogo era direcionado para o estudo da cultura material e para a compilação de dados que permitissem um melhor

arranjo dos troncos etnolinguísticos indígenas, fazendo a junção, de maneira bastante habilidosa, dos recursos intelectuais proporcionados, na época, pela etnologia, pela arqueologia e pela linguística.

A tradução dos textos foi feita por João Batista Poça da Silva diretamente do alemão. Enfrentou-se, obviamente, as dificuldades inerentes à tarefa, como as mudanças ocorridas no interior da língua alemã no final do século XIX, com o abandono progressivo da escrita gótica (incluindo os sinais gráficos) e de algumas construções sintáticas; as características que a língua alemã assumiu no norte da Suíça, terra natal de Emílio Goeldi; e o próprio estilo formal do zoólogo. As notas de rodapé foram incluídas pelos autores dessa introdução.

Existe uma charge sobre o alemão falado na Suíça, que compara a fala de um homem da Alemanha – contínua e sinuosa – com a de um suíço – irregular e fragmentada, como o relevo dos Alpes. Essa charge poderia muito bem ilustrar a variante utilizada por Goeldi em suas produções científicas, mesmo quando tenta utilizar o *Hochdeutsch* (alto alemão). O ‘estilo’ suíço foi o maior desafio enfrentado no trabalho de tradução. O modo de organizar o pensamento e de verbalizá-lo numa língua estrangeira é condição indispensável para bem falar, ouvir, escrever e ler nessa língua, ou seja, para adentrar no idioma. Até tornar a produção e recepção em alemão algo espontâneo e automático, o tradutor trilhou um longo e difícil caminho, ao qual se soma o fato do alemão de matriz suíça utilizado por Goeldi ter mais de cem anos. Seria algo como se no dia de hoje um estrangeiro aprendesse português e, a partir dessa língua, quisesse entender o espanhol de Luís de Cervantes num acesso de coloquialidade.

É verdade que os textos científicos são mais fáceis de entender no alemão formal do que os textos jornalísticos publicados em revistas com versão mais coloquial – por incrível que pareça. Goeldi alia a essa verdade a utilização do dialeto suíço, que poderia ser entendido como uma língua distinta, apenas vista de relance nos cursos de alemão mundo afora. Nesse sentido, o trabalho de tradução foi desafiador, principalmente por exigir a habilidade de coadunar a variante padrão do alemão às exigências da linguagem científica.

## REFERÊNCIAS

COELHO, Vera Penteadó (Org.). **Karl von den Steinen**: um século de antropologia no Xingu. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993.

DRUDE, Sebastian. A contribuição alemã à Lingüística e Antropologia dos Índios do Brasil, especialmente da Amazônia. In: ALVES, J. J. A. (Org.). **Múltiplas Faces da História das Ciências na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2005. p. 175-196.

FERREIRA, Lúcio Menezes. **Território Primitivo**: a institucionalização da arqueologia no Brasil, 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2007.

FONSECA JR., João Aires. Do Século XIX ao XX: cartas e publicações sobre os ídolos de pedra amazônicos. **História e-História**, 06 de agosto de 2007. Disponível em <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=arqueologia&id=9>. Acesso em 5 de abril de 2009.

FONSECA JR., João Aires. **História dos Ídolos de Pedra Amazônicos**, 2004. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Pará, Faculdade de História, Belém, 2004.

GOELDI, Emílio. Altindianische Begräbnisurnen und merkwürdige Ton- und Steinidole aus der Amazonas-Region. In: **Internationaler Amerikanisten-Kongress, Vierzehnte Tagung, Stuttgart 1904**. V. II. Berlin: W. Kohlhammer, 1906a. p. 445-453.

GOELDI, Emílio. Über den Gebrauch der Steinart bei jetzt lebenden Indianern Südamerikas, speziell Amazoniens. In: **Internationaler Amerikanisten-Kongress, Vierzehnte Tagung, Stuttgart 1904**. V. II. Berlin: W. Kohlhammer, 1906b. p. 441-444.

GOELDI, Emílio. **Excavações archeológicas em 1895**. Executadas pelo Museu Paraense no Littoral da Guyana Brasileira entre Oyapock e Amazonas. 1ª Parte: As cavernas funerárias artificiais de Índios hoje extintos no Rio Cunany (Goanany) e sua cerâmica. Belém: Museu Paraense de História Natural e Ethnographia, 1900a. 43 p. il. (Memórias do Museu Goeldi, I).

GOELDI, Emílio. Altindianische Begräbnishöhlen im südlichen Guyana und in denselben vorgefundene kunstvolle Töpfereiprodukte. **Die Schweiz**, Zúriq, ano IV, n. 20, p. 475-476, 1900b.

GOELDI, Emílio. O estado actual dos conhecimentos sobre os índios do Brasil, especialmente sobre os índios da foz do Amazonas no passado e no presente. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**, Belém, v. 2, n. 4, p. 397-417, 1898.

GOELDI, Emílio. Relatório apresentado pelo Director do Museu Paraense ao Sr. Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado do Pará. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**, Belém, v. 1, n. 3, p. 217-239, 1895.

GUEDES, Aureliano Pinto de Lima. Relatório sobre uma missão ethnographica e archeologica aos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Guyana Brasileira). **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**, Belém, v. 2, n. 1, p. 42-63, 1897.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ, 1999.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo. **Raça, Ciência e Sociedade** Rio de Janeiro: Centro Cultural do Banco do Brasil; Editora Focruz, 1996.

SANJAD, Nelson. **Emílio Goeldi (1859-1917)**: a ventura de um naturalista entre a Europa e o Brasil. Rio de Janeiro: EMC Edições, 2009.

SANJAD, Nelson. Emílio Goeldi (1859-1917) e a institucionalização das ciências naturais na Amazônia. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 5, p. 455-477, 2006.

SANJAD, Nelson. **A Coruja de Minerva**: o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907, 2005. Tese (Doutorado em História das Ciências) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.

SANJAD, Nelson. Bela Adormecida entre a vigília e o sono: uma leitura da historiografia do Museu Paraense Emílio Goeldi, 1894-2000. In: FAULHABER, P.; TOLEDO, P. M. (Orgs.). **Conhecimento e Fronteira**: História da Ciência na Amazônia. Belém: MPEG; Brasília: Paralelo 15, 2001. p. 113-145.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**. História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

Recebido: 06/04/2009

Aprovado: 20/04/2009



# Altindianische Begräbnishöhlen im südlichen Guyana

und in denselben vorgefundene kunstvolle Töpfereiprodukte.

Von Dr. Emil N. Göldi, Museums-Direktor in Pará (Nord-Brasilien).

Mit sieben Abbildungen.

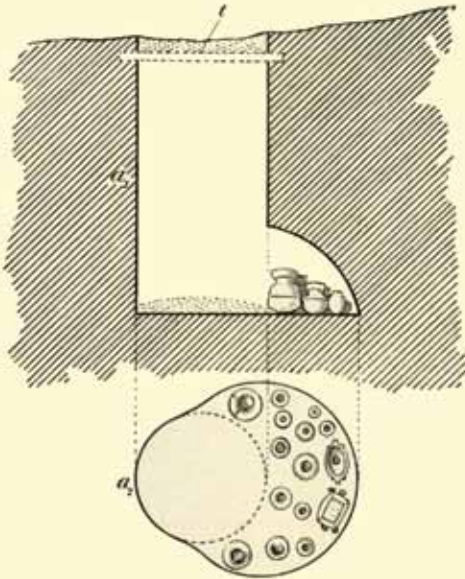


Fig. 1.

Gelegentlich einer wissenschaftlichen Expedition nach dem Küstengebiet des südlichen Guyana zwischen Quapod und dem Amazonenstrom hatten wir im Jahre 1895 das Glück, unweit des Dorfes Cunany (Soanany) auf höchst eigentümliche Begräbnishöhlen eines ausgestorbenen Indianerstammes zu stoßen, die sich als eine unerwartet reiche Fundgrube hervorragender keramischer Produkte erwiesen. Es ist über diese Ausgrabungen und Funde eine eingehende, illustrierte Abhandlung erschienen, aus welcher ein kurzgefaßter Abriss gegeben werden soll, begleitet von einigen der wesentlicheren Abbildungen.

Am Abhange eines Hügels stieß man zufällig auf einen schief stehenden, parallelpipedisch gespaltenen Granitstein, der wie eine Grenzmarke ausah (Fig. 2). Beim Suchen, was derselbe wohl bedeuten konnte, gelangte man in geringer Entfernung zur Entdeckung von zwei schweren, großen, runden, abgesprengten, aber nicht behauenen Granitplatten, die jeweils

eine Grube zu bedecken schienen. Nachdem diese Deckel mit Mühe und Not bei Seite geschoben worden waren, hatte man jeweils eine ungefähr zimmerhohe cylindrische Grube vor sich, die durch eine vordere, kreisförmige Nische ein kielartiges Aussehen bekam (Fig. 1). Diese Nische erwies sich als Aufbewahrungsort einer größeren Zahl von Tongeräten in bestem Erhaltungszustand und sehr verschiedener Form und Größe. Es war nicht schwer zu erkennen, daß die Mehrzahl dieser Gefäße als Toten-Urnen aufzufassen seien, denn sie enthielten, mit Ausnahme von zwei schon an und für sich durch ihre kugelige Form und erdliche



Fig. 2.

Größe als Wassergefäße sich verratende Dinger, ausnahmslos ein paar Hand voll Reste von menschlichen Skeletten, zumal Bruchstücke der langen Extremitätenknochen, vermischt mit Erde. Diese geringfügigen Knochenreste, zusammen mit dem Aussehen der Knochenfragmente, mußten uns zur Annahme bringen, daß die Urheber dieser Begräbnishöhlen ihre Toten zuerst einem Verbrennungsprozeß unterworfen haben möchten, wie er übrigens noch heute bei einzelnen Indianerstämmen im Innern von Guyana (z. B. bei den Aucasennes in der Serra Tumã-Dumac) im Schwange ist.

Ihrer Form nach verteilen sich die keramischen Produkte auf folgende Kategorien: 1) viereckige Platten, 2) runde Becken, 3) cylinderhutähnliche Schüsseln, 4) Urnen. Eigentümlich ist nun, daß für das gesamte Material noch als weiteres Einteilungsprinzip der Umstand hinzu kommt, ob der Boden des Gefäßes durchlöchert sei oder nicht. So sind z. B. auf unserer Tafel durchlöchert die Platte Fig. 3, ferner die Urnen Fig. 5 (am Grund 5 in Quincunz geordnete große Löcher; auf unserer Figur nicht ersichtlich), und Fig. 7 (mit 19 feinen Löchern am Grunde, ebenfalls auf unserer Figur nicht ersichtlich), während nicht durchlöcherter Boden aufweisen das hutförmige Becken Fig. 4 und die schöne Urne Fig. 6. — Die prächtige Platte (Fig. 3) mißt einen halben Meter in der Länge, einen Drittel

Metre in der Breite; annähernd dieselben Dimensionen weist das sonderbare cylinderhutartige Becken (Fig. 4) hinsichtlich Länge und Breite auf, bei einer innern Tiefe von 27 cm. Die Urne Fig. 5 besitzt eine Tiefe von 34½ cm bei einem größten Durchmesser von 26 cm; für die Urne Fig. 6 sind dieselben Dimensionen wie 32 : 38 cm, und für die Urne Fig. 7 wie 34 : 38½ cm.

Im Vergleich zu den Begräbnishöhlen, die an anderen Verfallsstellen des nördlichen Südamerika cis-andinischer Seite aufge-

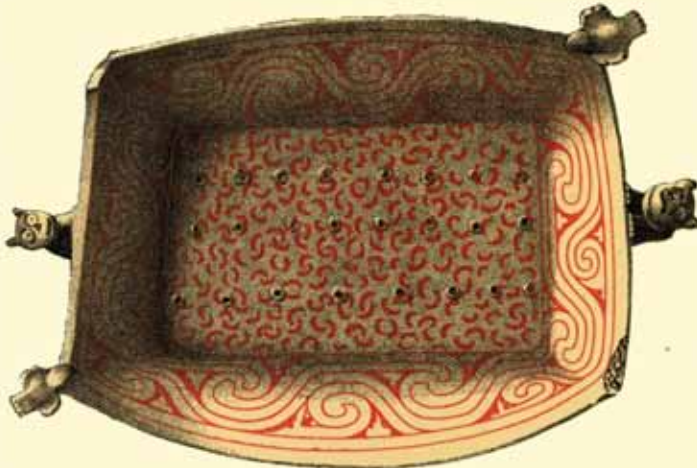


Fig. 3.

## Cavernas funerárias artificiais de índios hoje extintos no sul da Guiana e a cerâmica ali encontrada<sup>1</sup>

Dr. Emílio Augusto Goeldi, Diretor do Museu do Pará (Norte do Brasil)

Com 7 ilustrações

Em 1895, por ocasião de uma expedição científica à região litorânea da Guiana Meridional<sup>2</sup>, entre os rios Oiapoque e Amazonas, tivemos a sorte de deparar, não muito longe do vilarejo de Cunani (Coanany), com urnas funerárias as mais curiosas possíveis, pertencentes a um extinto tronco indígena e que se revelaram uma mina inesperadamente rica de artefatos de cerâmica indígenas. Sobre essas escavações e achados, foi publicado um cuidadoso trabalho ilustrado<sup>3</sup>, do qual tenho a obrigação de apresentar um pequeno resumo, acompanhado de algumas das ilustrações mais importantes.

No declive de um morro, demos por acaso com uma rocha de granito posicionada de atravessado e partida em forma de paralelepípedo, que mais parecia um marco de localização (Figura 2). Buscando o que aquilo talvez pudesse significar, chegamos bem perto e descobrimos duas grandes e pesadas placas de granito redondas, talhadas, mas não polidas, cada uma parecendo cobrir uma cova. Após o necessário esforço para arredar essas tampas, havia para cada uma delas uma cova cilíndrica com altura aproximada de um cômodo e que ficava parecida com uma bota por causa de um nicho frontal e lateral (Figura 1). Tal nicho mostrou ser um depósito de grande número de artefatos de barro em ótimo estado de conservação e com as mais diferentes formas e tamanhos. Não foi difícil reconhecer que a maioria dessas vasilhas seria considerada como urnas funerárias, pois elas sistematicamente continham – à exceção de dois objetos que, por si sós, se revelavam como vasilhas para água, devido à forma esférica e ao considerável tamanho – algumas mãos cheias de restos de esqueletos humanos, sobretudo partes quebradas de extremidades de ossos longos misturadas com terra. Esses insignificantes restos de cinzas, aliados ao aspecto dos fragmentos de ossos, acabaram nos levando à hipótese de que os autores desses sítios mortuários pretendiam primeiramente submeter seus defuntos a um processo de cremação, a propósito, da mesma forma como ainda hoje está em voga em alguns troncos indígenas no interior da Guiana (por exemplo, entre os Rucuyennes, na Serra do Tumucumaque).

A contar pela forma, os produtos de cerâmica se dividem nas

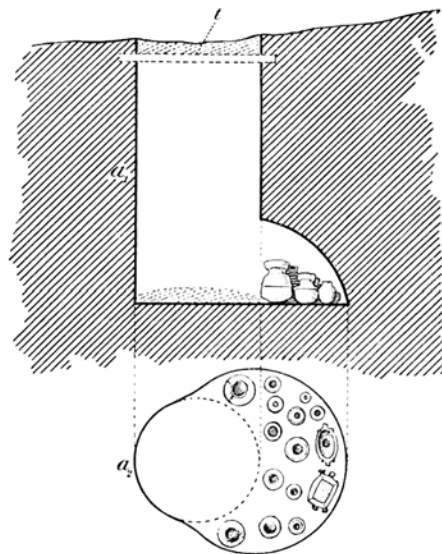


Figura 1. Corte longitudinal esquemático de uma caverna funerária em forma de bota; abaixo, uma projeção. t = pesada placa de granito, utilizada como tampa.



Figura 2. Peça de granito partida em forma de paralelepípedo, utilizada como marco de localização de ambas as tumbas.

<sup>1</sup> Goeldi, E. A. Altindianische Begräbnishöhlen im südlichen Guyana und in denselben vorgefundene kunstvolle Töpfereiprodukte. *Die Schweiz*, Zúrique, ano IV, n. 20, p. 475-476, 1900.

<sup>2</sup> Atual estado do Amapá.

<sup>3</sup> Goeldi, E. A. **Excavações arqueológicas em 1895**. Executadas pelo Museu Paraense no Littoral da Guyana Brasileira entre Oyapock e Amazonas. 1ª Parte: As cavernas funerárias artificiais de Índios hoje extintos no Rio Cunany (Goanany) e sua cerâmica. Belém: Museu Paraense de História Natural e Ethnographia, 1900. 43 p. il. (Memórias do Museu Goeldi, I).



seguintes categorias: 1) travessas retangulares; 2) bacias redondas; 3) tigelas semelhantes a cartolas; 4) urnas. Aqui é curioso que o material, como um todo, segue mais um critério de divisão, a saber, o fato de o fundo da vasilha ser perfurado ou não. Assim, em nossa estampa, por exemplo, são perfuradas a travessa da Figura 3, bem como as urnas da Figura 5 (cinco furos no fundo, grandes e alinhados em quincunce, não visíveis em nossa estampa) e da Figura 7 (com 19 furos pequenos no fundo, os quais, da mesma forma, não são visíveis em nossa estampa), enquanto a bacia em forma de chapéu da Figura 4 e a bonita urna da Figura 6 não apresentam fundo perfurado. A vistosa travessa (Figura 3) mede meio metro de comprimento e 1/3 m de largura; aproximadamente as mesmas dimensões de comprimento e largura são apresentadas pela curiosa travessa em forma de cartola (Figura 4), além de uma fundura interna de 27 cm. A urna da Figura 5 possui uma fundura de 34,5 cm e um diâmetro máximo de 26 cm; já a urna da Figura 6 tem as mesmas dimensões (32 x 38 cm), e a urna da Figura 7 apresenta a relação 34 x 38,5 cm.

Comparando-se com as urnas funerárias que foram encontradas em outros sítios da porção cisandina do norte da América do Sul, as do Cunani chamam a atenção, principalmente, pelo feitio, que chamei de 'zonar', expressão que é mais bem compreendida antes pela observação das ilustrações do que pela descrição verbal.

No que se refere aos ornamentos, vemos que são usados, de um lado, desenho e pintura, e, de outro, adornos em alto e baixo relevo. A louça crua, antes de ser queimada, recebia uma finíssima camada de barro branco especial (tabatinga), que após a queima produzia o belo tom amarelado. Anteriormente a isso, os desenhos, que de certa forma causavam nossa sincera admiração, eram feitos com pigmento vermelho (urucu) e preto (jenipapo). Percebe-se, claramente, uma preferência

por três formas diferentes: 1) a vírgula (Figura 3, fundo da travessa; Figura 7, gargalo da urna); 2) o chamado ornamento 'grego', feito em linha reta e entrelaçado (Figuras 3, 4 e 5); 3) o desenho de escada de corda (Figuras 6 e 7, gargalo das urnas). Na utilização da 'linha grega', sobretudo, manifesta-se uma maestria incontestável: a travessa (Figura 3), a tigela (Figura 4) e a urna (Figura 5) poderiam aqui bastar como provas eloqüentes.

Como motivos de natureza plástica, vemos empregarem, principalmente, linhas de contorno de rostos humanos ingenuamente imaginados (Figura 7) e cópias em miniatura de mamíferos, aves, sapos e serpentes, parte em forma de asas e alças laterais, parte como ornamentos marginais em torno do lado externo da abertura da vasilha. Dessa forma, a travessa retangular (Figura 3), no centro da parte estreita, apresenta alguns belos esquilos (no folclore indígena, o símbolo do sono profundo); nos cantos, para cada um destes, em posição diagonal frontal, um pássaro com asas abertas. Na urna da Figura 5, pode-se ver, servindo de alça, o rosto de um predador.

As condições de conservação desses produtos de olaria são geralmente tão impecáveis que até parece – sobretudo diante do aspecto fresco das tintas – que as vasilhas foram feitas dias atrás. E, contudo, sua idade deve ser avaliada em muitas centenas de anos. Um machado de pedra



Figura 3. Travessa quadrada com fundo furado semelhante a um crivo e com adornos artísticos (esquilos e aves) nas laterais e nos cantos.



Figura 4. Grande tigela, semelhante a uma cartola.

encontrado na mesma época nos dá a informação de que os construtores dessas urnas funerárias são enquadrados no período neolítico, o qual, em consequência das mais recentes pesquisas no Brasil Central<sup>4</sup>, deve ser apreciado na América do Sul, por um lado, de forma essencialmente diferente em relação ao Velho Mundo e, por outro, alcança mesmo o presente, em se tratando de algumas populações que vivem nos mais distantes rincões. Em todo caso, não restou nem na memória dos atuais habitantes daquela região, nem na literatura sobre o período pós-colombiano mais antiga, um único resquício confiável do tronco indígena ao qual possam ser atribuídos esses cemitérios e o seu conteúdo de cerâmica. Temos dependido de conclusões alcançadas por analogias feitas com o auxílio de modelos de cerâmica indígena antiga, como

felizmente podem ser vistos abundantemente nas regiões circundantes da porção setentrional da América do Sul.

Aqui existe um arquivo guardado apenas em pinturas e ornamentos de caráter artístico em vasilhas de barro, o qual, à primeira vista, parece nada dizer, mas que, por meio de estudos comparativos do especialista experiente, logo tem o que apresentar.

Para concluir, note-se, ainda, que esses artefatos de fundo estético certamente foram fabricados exclusivamente por mãos femininas, com as mais primitivas ferramentas e sem a utilização do torno de oleiro, ignorado pelos índios. Sabemos de relatos atuais acerca da invasão européia que, com certeza, as vasilhas desde sempre cabiam à criadagem feminina, e tal costume foi mantido com rigor até os dias atuais, tanto entre os índios autênticos quanto entre os mestiços de origem indígena da região amazônica.



Figura 5. Urna mortuária com restos de cinzas e fragmentos de ossos.



Figura 6. Urna mortuária com restos de cinzas e fragmentos de ossos.



Figura 7. Urna mortuária com restos de cinzas e fragmentos de ossos.

<sup>4</sup> Goeldi se refere às investigações antropológicas de Paul Ehrenreich (1855-1914) no Xingu.

# Altindianische Begräbnisurnen und merkwürdige Ton- und Steinidole aus der Amazonas-Region.

Von Dr. Emil A. Göldi, Pará (Brasilien).

I. Das neue Staatsmuseum für Naturgeschichte und Ethnographie in Pará, das nun gerade auf das erste Dezennium seiner Existenz zurückblicken darf, hat schon in der Stunde seiner Gründung die Nachforschung und Sammlung alles dessen, was an Spuren von einstigem Leben und Walten der Autochthonen am Unterlauf des Amazonenstromes und zunächst im Mündungsgebiet übrig geblieben, auf sein Arbeitsprogramm geschrieben. Dabei hat die praktische Erfahrung die Bestätigung zu dem gebracht, was eigentlich an Hand einer einfachen Erwägung vorauszusehen war: da dem zerstörenden Einfluss des tropisch-äquatorialen Klimas auf die Dauer von dem gewöhnlichen, überaus einfachen Alltagsinventar eines indianischen Haushaltes das meiste zum Opfer fällt, bleibt die prähistorische Forschung (— prähistorisch natürlich im Sinne, wie er auf die neuweltlichen Verhältnisse angewendet werden muss —) im wesentlichen auf das Lesen der in Ton und Stein niedergelegten Urkunden beschränkt. Zur Plastik geeignetes Steinmaterial war aber längs der eigentlichen Rinne des Amazonasbeckens, wenigstens in seinem untersten Teile, sozusagen gar nicht zu beschaffen und was an Steinutensilien heute in dieser Region gefunden wird, verdient im allgemeinen seiner verhältnismässigen Seltenheit wegen in demselben Masse vermehrte Beachtung, als das Rohmaterial aus entfernten Gegenden herbeigeht werden musste. So ergibt sich denn von selbst, dass die prähistorische Forschung im Amazonasgebiet sich der Hauptsache nach deckt mit der Erforschung der keramischen Relikte früherer Perioden menschlichen Werdens und Vergehens.

## Urnas funerárias de povos indígenas extintos e curiosos ídolos de barro e pedra da região amazônica<sup>5</sup>

Pelo Dr. Emílio A. Goeldi, Pará (Brasil)

1. O novo Museu Estadual de História Natural e Etnografia do Pará, que pode agora lançar um olhar retrospectivo sobre o primeiro decênio de sua existência, registrou no seu programa de trabalho, já na primeira hora de sua fundação, a investigação e reunião de tudo aquilo que restou de vestígios do antigo modo de vida e de atividades dos autóctones do Baixo Amazonas e, antes de tudo, na região da foz. Nessa ocasião, a experiência prática trouxe a constatação daquilo que se podia prever com base numa consideração simples: visto que, em longo prazo, a maior parte do inventário costumeiro e sobremaneira simples do dia-a-dia dos serviços domésticos indígenas cai vítima da influência destrutiva do clima trópico-equatorial, a pesquisa pré-histórica (pré-histórica, é claro, no sentido em que devemos utilizá-la nas circunstâncias do mundo atual) fica resumida em essência à leitura dos documentos em forma de barro e de pedra. No que diz respeito à plasticidade de material rochoso adequado, entretanto, não se pôde fornecer, por assim dizer, absolutamente nada ao longo do leito propriamente dito do rio Amazonas, ao menos em sua parte mais baixa, e o que hoje se encontra de utensílios de pedra nessa região merece, em geral, atenção redobrada em virtude de sua relativa raridade, na mesma medida da matéria-prima que precisou ser buscada de regiões remotas. Disso já decorre que a pesquisa pré-histórica na região amazônica corresponde essencialmente à investigação de resquícios de cerâmica de períodos remotos, correspondentes à gênese e extinção do homem.

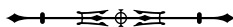
2. Dada tal aspiração, nosso museu precisou logo compreender e estimar a necessidade e as vantagens de um processo metódico. As expedições e escavações que foram realizadas ao longo dos anos por iniciativa desse instituto pertencem a um plano minuciosamente refletido, e uma olhada no mapa basta para deduzir, da unicidade dos pontos até agora apreciados, que elas confluem, sem ordem pré-fixada, para uma linha frontal que vale primeiramente para a busca sistemática do litoral, no estuário do rio Amazonas, e para as faixas de terra para o norte e para o sul.

3. Numa primeira dissertação, que publiquei em português no ano de 1900 sob o título “Escavações arqueológicas em 1895 executadas pelo Museu Paraense no litoral da Guiana brasileira entre Oiapoque e Amazonas”<sup>6</sup>, vertido para o alemão como “Archäologische Ausgrabungen im Jahre 1895 im Küstengebiet von Brasilianisch-Guyana zwischen Oyapock und Amazonas”, foram descritos os achados de cerâmica feitos em duas cavernas funerárias artificiais construídas em forma de bota no rio Cunani. Excetuando-se a disposição singular da própria cova, merece especial atenção a decoração exterior das urnas mortuárias – esteticamente concebida como ornamento de altíssimo valor – em meandros, espirais e desenhos de escada vermelhos e amarelos passando por dentro do traço original, que, originando-se nela, para ela retorna.

4. Já no ano seguinte, 1896, foram feitas outras pesquisas e escavações – que trouxeram resultados não menos surpreendentes e gratificantes e revelaram um grandioso contingente de urnas funerárias singulares, cujo merecido e notável trabalho iconográfico só agora chega a efeito – em certos afluentes da margem esquerda do Baixo Amazonas,

<sup>5</sup> Goeldi, E. A. Altindianische Begräbnisurnen und merkwürdig Ton- und Steinidole aus der Amazonas-Region. In: **Internationaler Amerikanisten-Kongress**, Vierzehnte Tagung, Stuttgart 1904. V. II. Berlin: W. Kohlhammer, 1906. p. 445-453.

<sup>6</sup> Goeldi, E. A. **Excavações archeológicas em 1895**. Executadas pelo Museu Paraense no Littoral da Guyana Brasileira entre Oyapock e Amazonas. 1ª Parte: As cavernas funerárias artificiaes de Índios hoje extintos no Rio Cunany (Goanany) e sua ceramica. Belém: Museu Paraense de História Natural e Ethnographia, 1900. 43 p. il. (Memórias do Museu Goeldi, I).



sobretudo nos rios Maracá e Anauerá-Pucú, como também nas ilhas que ficam diante das respectivas fozes no canal setentrional, na ilha do Pará e em outras menores. Dessa venerabilíssima coleção, posso hoje apresentar ao menos a impressão das provas das estampas que acompanharão a futura dissertação sobre esse objeto, com a observação de que vigorou a mais meticulosa exatidão na confecção dessas estampas.

5. Frente ao modo como estão dispostas as sepulturas, surgindo à nossa frente na área norte da costa do Cunani, defrontamo-nos, aqui nos mencionados afluentes da margem esquerda, com rochedos parcialmente submersos em colinas de terra firme que terminam em barranco, nichos que, em todo caso, por intervenção humana, devem ter-se ampliado e aumentado. Não se pode negar que se encontra nessa estrutura um traço de parentesco com os poços em forma de bota do Cunani. Quanto às urnas em si, entretanto, sua modalidade tão digna de nota só chegou a ser descrita ao longo dos anos por [Domingos Soares] Ferreira Penna (em tempo, o descobridor dos locais das sepulturas em questão), depois por Ch. [Charles] F. [Frederick] Hartt e Ladislau Netto, e por último pelo Professor Karl von den Steinen, em sua maior parte baseados em materiais esporádicos: o fato de que alguns pontos essenciais até agora não foram vistos é tão incontestável quanto compreensível.

6. Entre as urnas de tal proveniência podem-se diferenciar, quanto à forma e apresentação, três tipos: — I. aquelas em que aparecia claramente um índio sentado em seu banquinho, com indumentária festiva de audiência e conselho, dando uma reprimenda. Pernas e braços de tubos ocos são encaixados na parte da frente de um grande cilindro de madeira, que deve representar o tronco, enquanto a cabeça apresenta uma espécie de capacete parecido com uma gamela ou até mesmo um hemisfério, às vezes lembrando um antigo elmo de centurião romano, e eventualmente a modos de esfinge. — II. aquelas em que aparecia um quadrúpede incrivelmente grosseiro como modelo, por trás do qual se poderia entender mais provavelmente uma tartaruga. Um buraco redondo provido de uma cobertura no tamanho correspondente, colocado no centro da região dorsal, dá o acesso ao interior do espaço oco. — III. urnas bem cirandadas com magníficas linhas de contorno redondas, sem ornamentos adicionais, talvez como alusão a um rosto antropomórfico ou zoomórfico, em semi-relevo, estampadas na região superior da garganta [Figuras 1 a 3].

7. Ao contrário de tudo o que os autores anteriores já apresentaram, nosso material tão abrangente como nunca resultou na análise bastante fundamentada de que talvez todas as urnas estejam pintadas de maneira muitíssimo peculiar e primitiva, com linhas brancas em forma de meandros e espirais sobre base escura nas regiões correspondentes ao torso, às extremidades e à parte posterior da cabeça, ao passo que sobre ambas as metades do rosto foi aplicada tinta amarela num espaçoso campo contornado de vermelho [Figura 4].

8. Além disso, certos cilindros simples de barro oferecem uma novidade curiosa, sem qualquer inserção nas extremidades ou outros suplementos ornamentais, com cobertura chata, semelhante a uma tartaruga. Parece que, nesse caso, se distingue uma casta social, na medida em que se aceite que aqui o modo de sepultar abriu mão do tratamento de primeira classe e se recorreu à forma e decoração as mais humildes possíveis [Figuras 5 a 10].

9. Um ótimo pretexto para a determinação da idade aproximada dessas urnas foi oferecido pela descoberta da urna de uma pessoa do sexo feminino, que apresenta, nos braços e na espinha dorsal, autênticas contas de vidro brancas, azuis e verdes, mergulhadas em resina e ordenadas em pulseiras e colares – contas de vidro lapidadas, que foram identificadas por especialistas como de origem veneziana e idênticas aos produtos lá fabricados no século XVI. Dessa forma, pode-se, com toda certeza, qualificar essa urna como pós-colombiana e situar sua origem no recuado período das invasões dos conquistadores de raça lusitana.

10. Sobre a autoria dessa cerâmica, só se podem fazer conjecturas até agora. Com o fato de que as ilhas dos rios mencionados acima teriam sido ocupadas por tribos Tucujus, o que ficamos sabendo por meio das crônicas do período das invasões, não ganhamos nenhuma ajuda digna de menção para a solução desse problema, visto que não sabemos nada sobre esses Tucujus. Se, porém, tivermos aqui permissão de expressar nosso sentimento, o qual se pode sempre trazer à tona como destilado final após prova cuidadosa de todos os detalhes, assim a suposição não passaria muito longe do alvo, de que aqui, quando não exatamente com um tronco Nu-Aruak, eventualmente poderíamos estar lidando com uma horda caraíba que seguiu o conhecido caminho da intussuscepção das artes, da indústria e da língua por meio das mulheres raptadas nas tribos Nu-Aruak, chegando assim a aprender, conscientemente ou não, a fazer cerâmica.

11. De toda forma, merecem citação como fatores invocados para trazer uma luz oportuna à resposta da questão, as saliências labiais que aparecem claramente em cada uma das peças que cobrem as cabeças (Figura 44, Figura 62 etc.) e, além disso, a regularidade das tiras dos braços e das pernas nas urnas antropomórficas – uma característica que eu me lembro de ter lido em algum lugar como peculiar a algumas tribos caraíbas das Guianas. No que diz respeito à técnica global, não posso deixar de perceber uma forte imitação e traços de evidente parentesco entre esse modo Maracá de funeral e aquele que conhecemos da literatura referente às nossas velhas conhecidas urnas funerárias dos Aturos do Orinoco (os Aturos, se relatei corretamente, ainda não estão definitivamente acomodados em relação à sua posição etnográfica e filiação).

12. Uma segunda dissertação, da qual eu tenho a honra de lhes apresentar ao menos a parte iconográfica em 10 estampas heliográficas e, assim, talvez mesmo o principal da mesma, tenciona versar sobre certos ídolos amazônicos.

A primeira metade da dissertação ocupa-se de ídolos de barro cuja ocorrência nos cemitérios indígenas de troncos extintos da ilha de Marajó, na região do delta do rio Amazonas, é considerável e dos quais posso apresentar um exemplar magnífico e bem conservado, pertencente ao Museu do Pará, acrescentando-se que numerosas variantes estão retratadas em minhas três primeiras estampas [Figuras 11 a 13]. Fica claro, mesmo para alguém pouco versado no imaginário indígena, que esses instrumentos possuem caráter simbólico e que foram utilizados como maracás rituais feitos de partículas de pedra e grãos de areia soltos na parte oca. De qualquer forma, o sentido especial do simbolismo não foi devidamente esclarecido até agora, e se, por um lado, deva-se reconhecer que há alguns anos, no Rio de Janeiro, foi apontado um caráter fálico por Ladislau Netto, por outro lado, é marcante o fato de que pesquisadores e pensadores sensatos, como o norte-americano Ch. [Charles] F. [Frederick] Hartt, abstiveram-se de qualquer juízo e consideraram pendente o significado desses ídolos de barro do Marajó.

Infelizmente, faltam parâmetros para uma comparação.

13. Se não me engano, há alguns anos foram trazidos do alto Araguaia e descritos pela primeira vez pelo Dr. Paul Ehrenreich, miniaturas de barro sólido de índios ainda existentes, as quais quase sempre representam uma mulher vestida somente com uma tanga e de cabeleira exuberante, até aqui classificadas e descritas como 'bonecas de criança'. Parece que figuram como "bonecas de criança" também no Museu Real de Arte Popular de Berlim, como pude deduzir de [uma fotografia de] um pedaço cortado de madeira [publicada] em uma recente e grande obra ("A mulher", de Bartels)<sup>7</sup>.

14. Nos últimos anos, o Museu do Pará recebeu, de duas fontes diversas, outros exemplares belíssimos dessas mesmas figuras e da mesma proveniência, cujo estudo me esclareceu imediatamente que havia um equívoco na definição até aqui aceita, permitindo-me reconhecer, por um lado, o caráter fálico e andrógino típico e, por outro, de

---

<sup>7</sup> Ploss, Heinrich; Bartels, Max. **Das Weib in der Natur- und Völkerkunde**. Anthropologische Studien. 2 v. Leipzig: Th. Grieben's Verlag (L. Fernau), 1902. il.

modo claro e inequívoco, o estreito parentesco que há entre as miniaturas maciças de seres vivos [*Lebensfigürchen*] dos índios Carajá de hoje e as matracas ocas de barro assado dos índios extintos do Marajó. Assim, nessas últimas há, doravante, um equivalente moderno, do qual, em essência, depende a possibilidade de uma interpretação mais segura e incontestável [Figuras 14 a 16].

Poupei-me de apresentar aqui provas detalhadas: posso descansadamente contar com a impressão convincente que qualquer um terá com a comparação de alguns originais selecionados e com a confrontação das estampas IV, V e VI [Figuras 14 a 16] com as de número I, II e III [Figuras 11 a 13].

15. A segunda metade da dissertação tratará de certos ídolos amazônicos de pedra, curiosíssimos e até aqui considerados como de grande raridade, dos quais alguns tipos já foram descritos por José Veríssimo, Ladislau Netto, [João] Barbosa Rodrigues e, mais recentemente, por Pierre de l'Isle du Dreneuc. Uma feliz coincidência e a liberalidade de um amigo brasileiro pôs-me na situação agradável de poder informar-lhes não menos de três tipos desse grupo, de uma única vez.

16. O primeiro ídolo de pedra, que pode ser visto em três posições fundamentais e em tamanho quase natural na estampa VII [Figura 17], e, além disso, disponível aqui em cópias exatas de gesso, representa uma figura humana do sexo masculino, mas com proporções de criança, mastigando, com feições terrivelmente retorcidas, especialmente na boca, que foi apanhada e segura pelas costas por um réptil semelhante a uma lagartixa, como se se tratasse da eternização de um momento em que se manifesta, na luta entre homem e animal, a vitória incontestável desse último. Variados argumentos pesam a favor do fato de que o réptil é, no caso, uma iguana. O dorso do bicho tem uma concavidade relativamente espaçosa, que apresenta paredes e beiradas escurecidas pela ação do fogo e, muito provavelmente, terá servido para fins de alguma defumação ritual.

O ídolo provém de uma localidade chamada Suemijú, situada na margem direita do rio Trombetas, abaixo das quedas d'água desse rio tão rico em cataratas.

17. O segundo ídolo de pedra, que pode ser visto na estampa VIII [Figura 18] nas mesmas posições do primeiro e igualmente disponível em cópias de gesso, oferece, em princípio, mais dificuldade em termos de interpretação, pelo fato de que sua confecção exigiu claramente certa licença artística, licença essa que poderia encontrar explicação na tarefa insólita ou nas proporções da forma da matéria-prima. De todo modo, depois de algum estudo, chega-se com segurança à conclusão de que se trata de dois predadores em posição de luta, surpreendidos no momento em que as presas de ambos se defrontam e medem. Um pouco de prática nas características gráficas dos índios sul-americanos rapidamente leva a reconhecer que é muito pouco provável que se trate de outro predador que não a onça, o que se nota nas manchas escuras – que, na verdade, continuam perceptíveis nos animais vivos até além da meia-idade – e, além disso, na grande veneração comprovadamente dispensada por antigos índios da cordilheira, por exemplo, os povos Incas do Peru, diante desse felino.

Também provém do rio Trombetas esse ídolo, que foi encontrado nas proximidades da primeira corredeira.

18. Nas figuras 23, 23a, 23b da estampa IX [Figura 19] é ilustrado um terceiro ídolo de pedra (também disponível aqui numa boa cópia de gesso), cuja interpretação não é tão fácil à primeira vista, embora, na verdade, não proporcione sérias dificuldades. Um olhar detido leva a reconhecer uma figura humana de proporções arrojadas, de traços infantis, encimada por um quelônio que lhe sobe por trás e apóia a cabeça sobre a de sua vítima, na costumeira pose triunfante. Singular é, na figura humana, porém, a posição das pernas, que fica artificial nesse cruzamento, mas se pode entender imediatamente quando se considera que o artista esforçou-se por utilizar as proporções ou a posição das pernas de um sapo descansando. Assim, uma forma híbrida torna-se, nesse caso, uma figura mística de trigêmeos.

Esse ídolo, enegrecido em sua aparência original – parece ter sido, da mesma forma, exposto ao fogo e à fumaça – provém de uma localidade denominada Terra Preta, na grande lagoa de Sallé, margem direita do Amazonas.

19. Todos os três ídolos mostram, assim como todos os demais descritos até agora por outros autores, o par de orifícios contínuos característico, cuja finalidade mais provável parece ter consistido em permitir a passagem de um fio que possibilitasse serem conduzidos em solenidades e caminhadas.

20. Retomando a concepção artística que há em todos esses ídolos de pedra encontrados na planície amazônica, é um eterno retorno de um animal em luta com o homem, na qual o último é, sem exceção, a parte perdedora e sofredora. Na observação que fiz sobre esses artefatos, nunca consegui renunciar à comparação com as relações que o bruxedo na Idade Média europeia costumava fazer deles com o *Incubus* e o *Sucubus*. Será que um procedimento ritual deveria alcançar expressão plástica? De qualquer forma, temos aqui uma mística natural profunda, cujo alcance pode inspirar-nos respeito por conta da poderosa eloqüência com a qual antigos habitantes amazônicos souberam simbolizar a debilidade e fraqueza humanas na luta com as forças da natureza.

De resto, esse conceito não é, de jeito nenhum, exclusivamente amazônico: pelo contrário, reconheço nele um autêntico legado Nahua<sup>8</sup> e situo sua origem lá onde também teria sido conhecido pelos criadores dos famosos monólitos e das colunas de pedra zapotecas<sup>9</sup> da América Central.

---

<sup>8</sup> Povo que viveu na América Central e que incluía os Astecas do México pré-colombiano.

<sup>9</sup> Povo originário do sul do México, particularmente da região localizada entre o istmo de Tehuantepec e Acapulco, onde foi erguida Monte Albán, sua cidade mais importante.



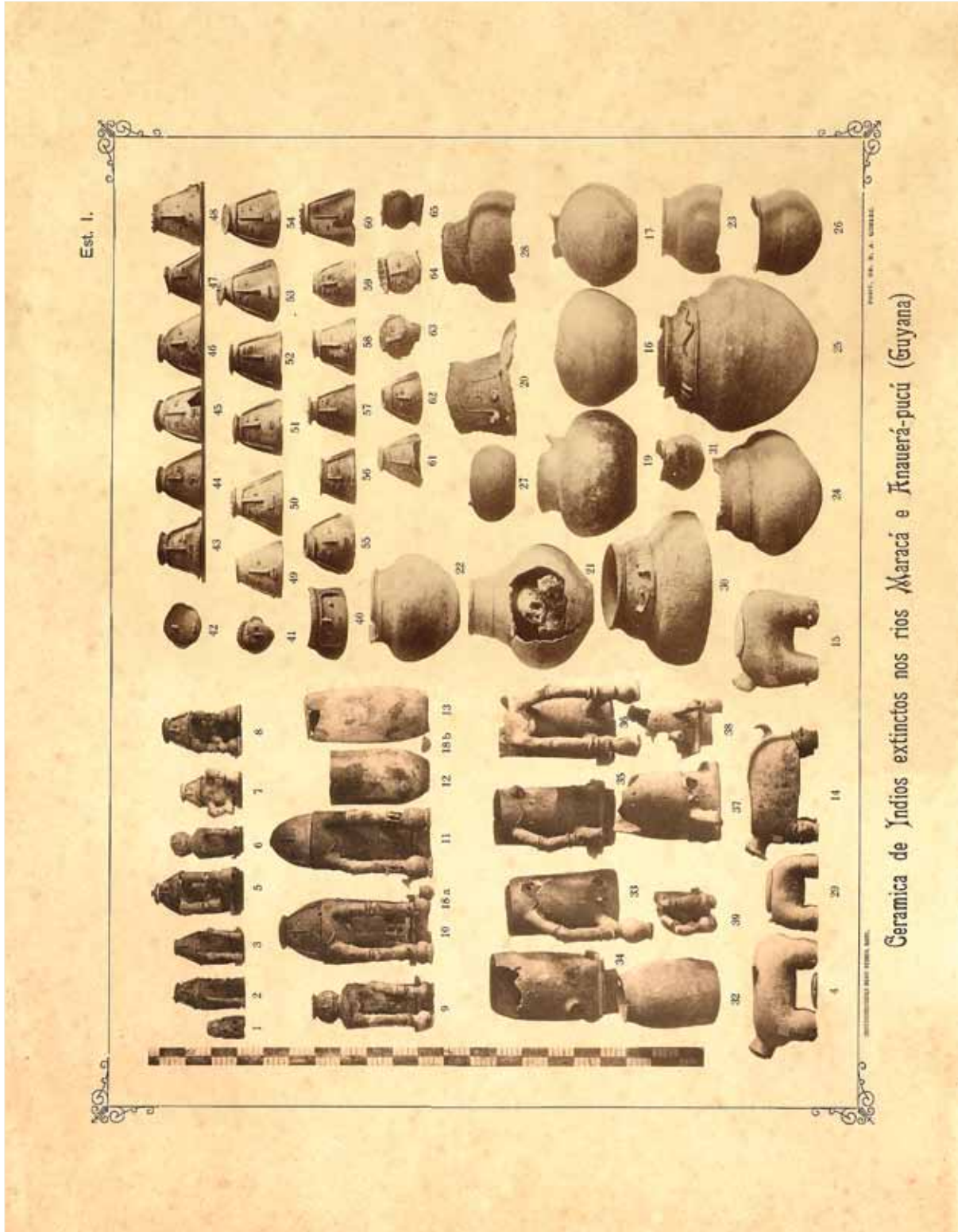
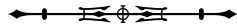


Figura 1. Cerâmica de índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Estampa I).



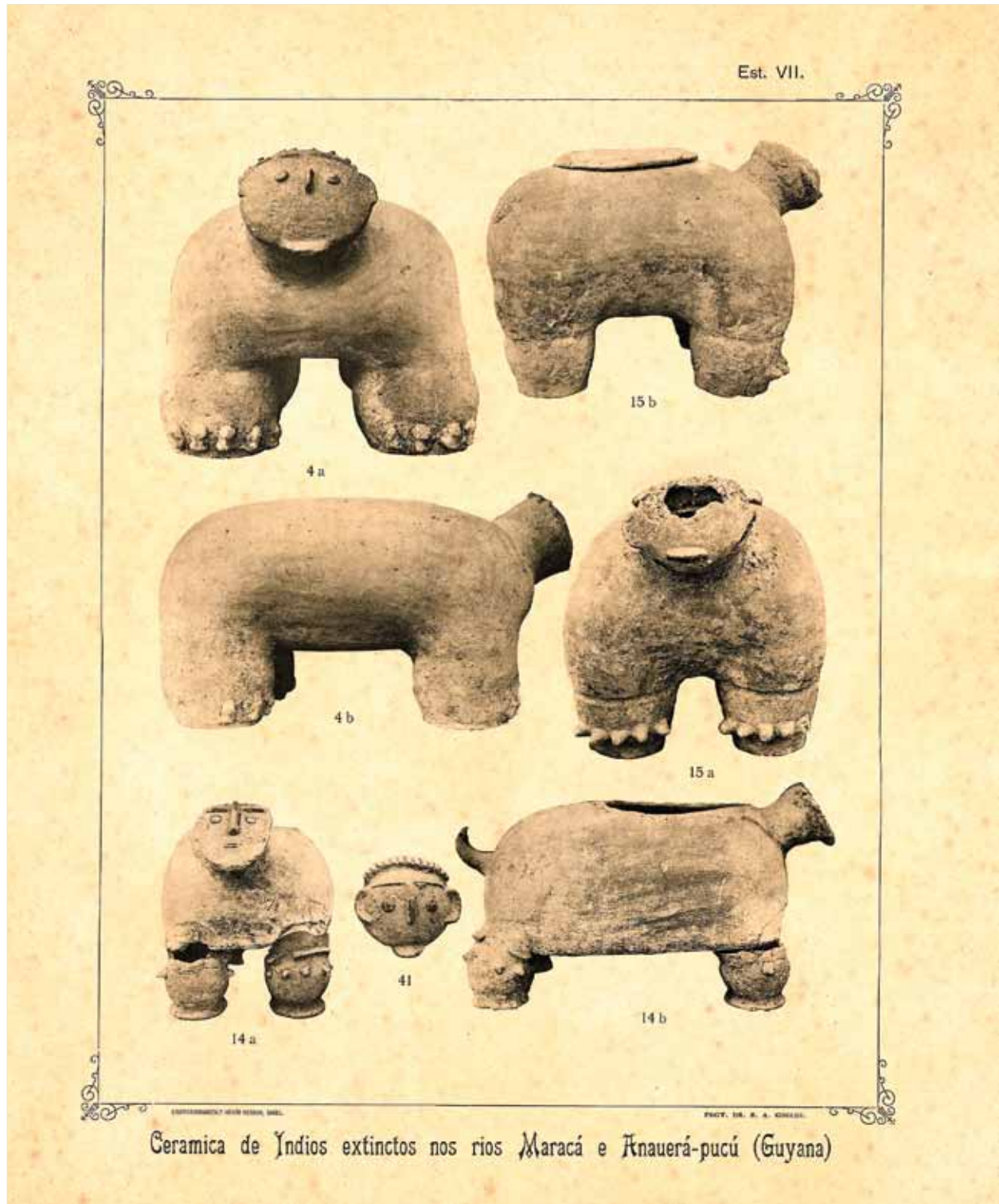
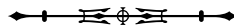


Figura 2. Cerâmica de índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Estampa VII).



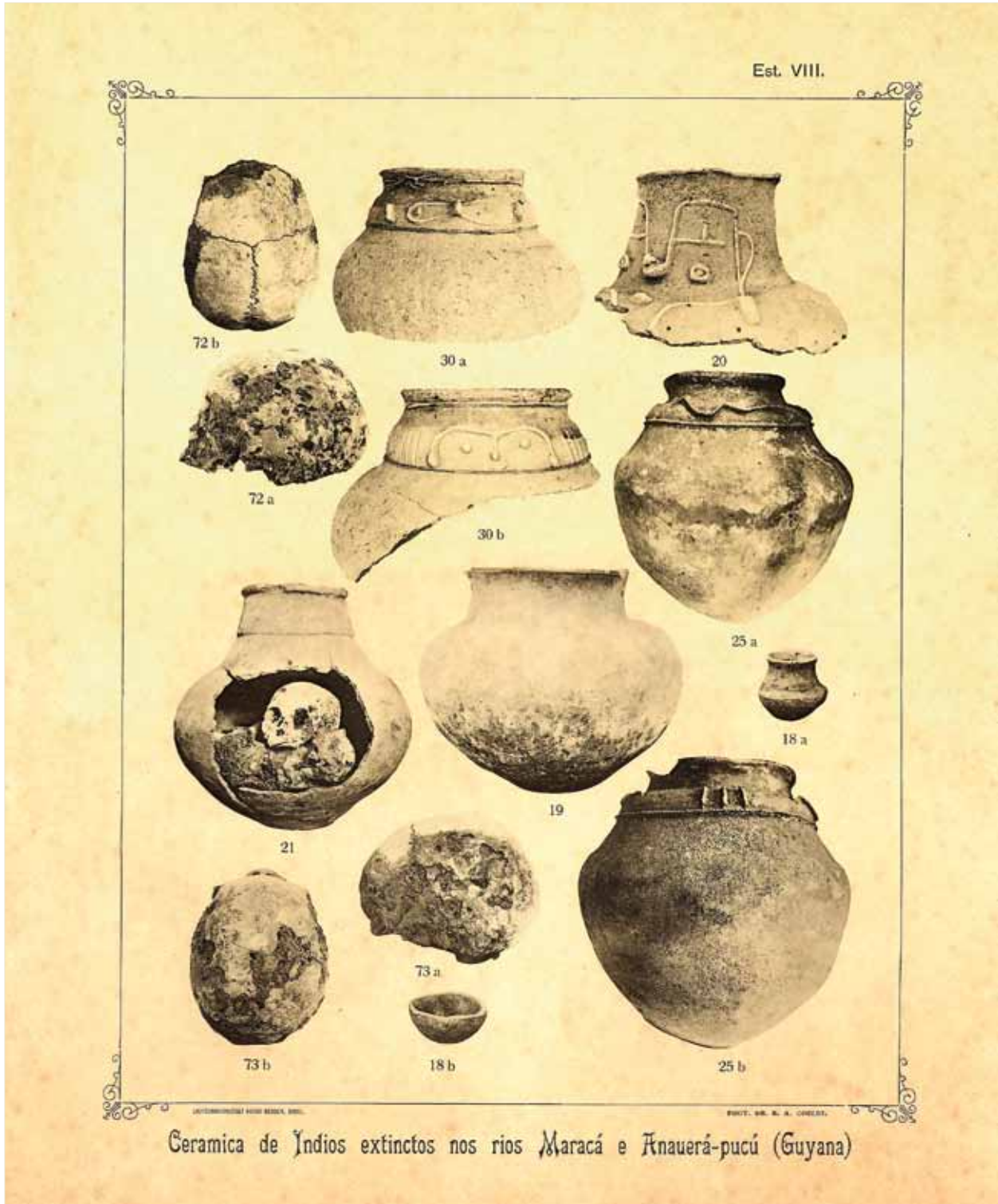


Figura 3. Cerâmica de índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Estampa VIII).

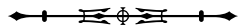




Figura 4. Cerâmica de índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Estampa X).

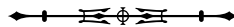
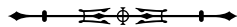




Figura 5. Cerâmica de índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Estampa II).



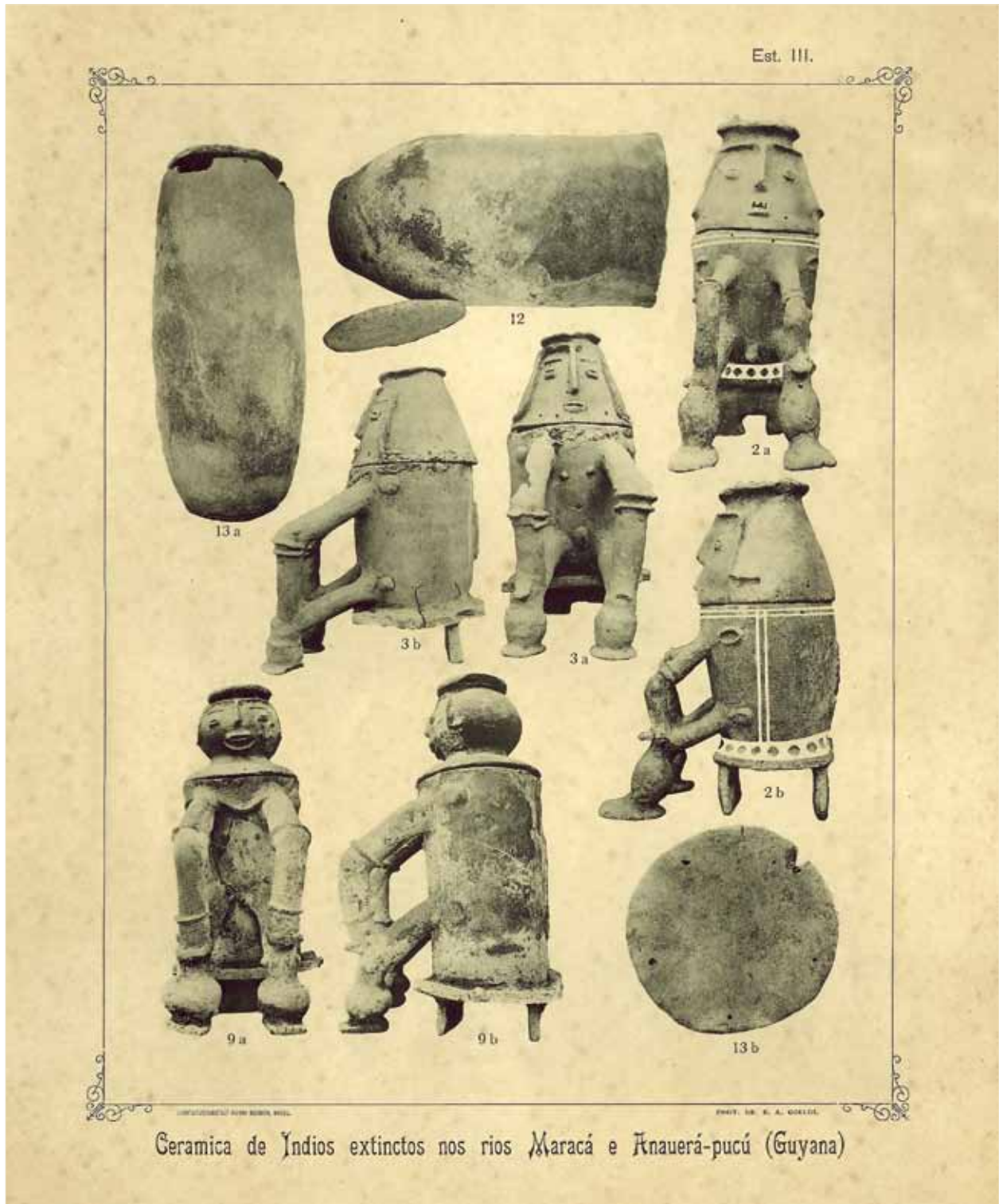


Figura 6. Cerâmica de índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Estampa III).





Figura 7. Cerâmica de índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Estampa IV).





Figura 8. Cerâmica de índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Estampa V).







Figura 9. Cerâmica de índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Estampa VI).





Figura 10. Cerâmica de índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Estampa IX).

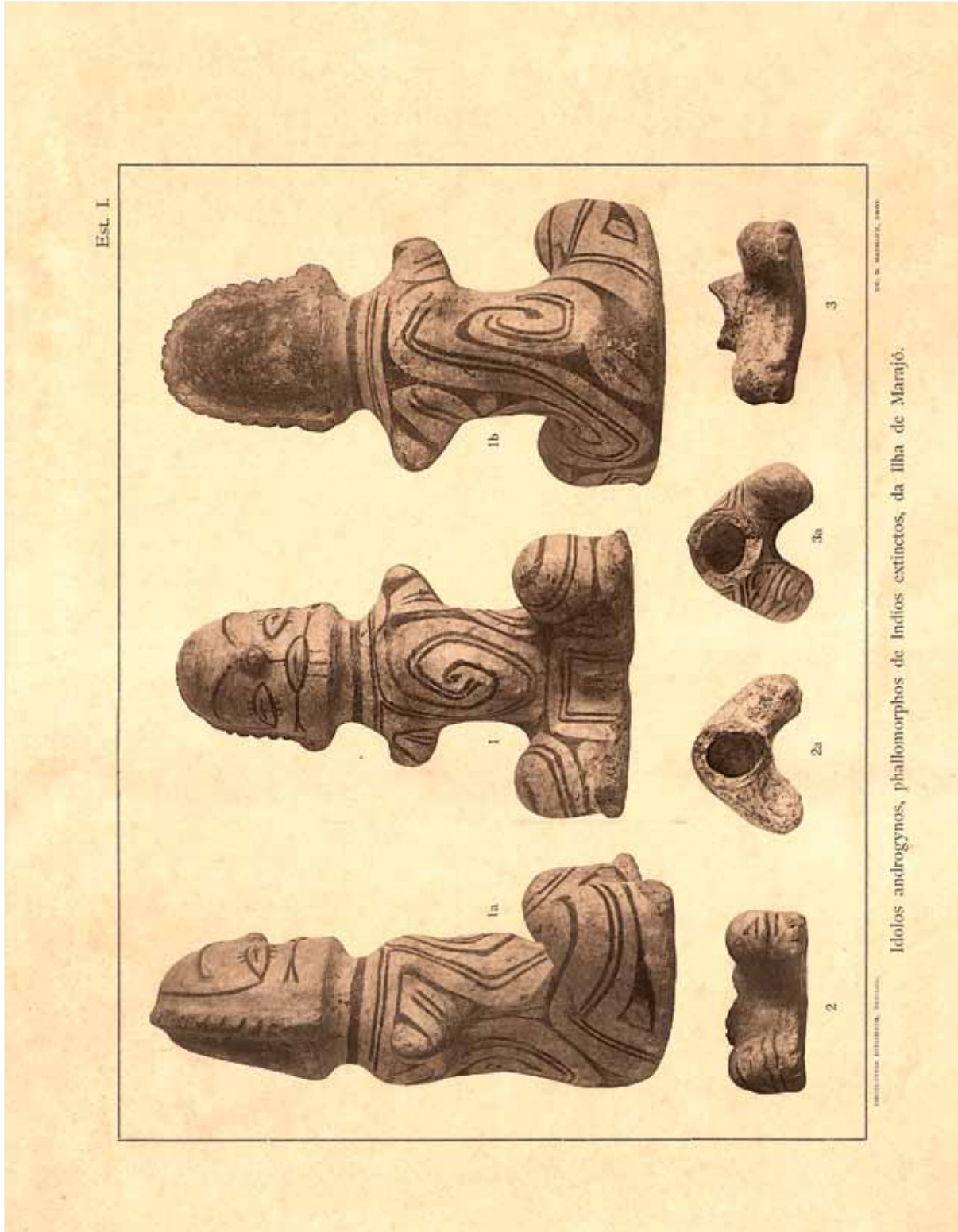


Figura 11. Ídolos andróginos, falomorfos de índios extintos, da ilha de Marajó (Estampa I).



Figura 12. Ídolos andrógynos, falomorfos de índios extintos, da ilha de Marajó (Estampa II).

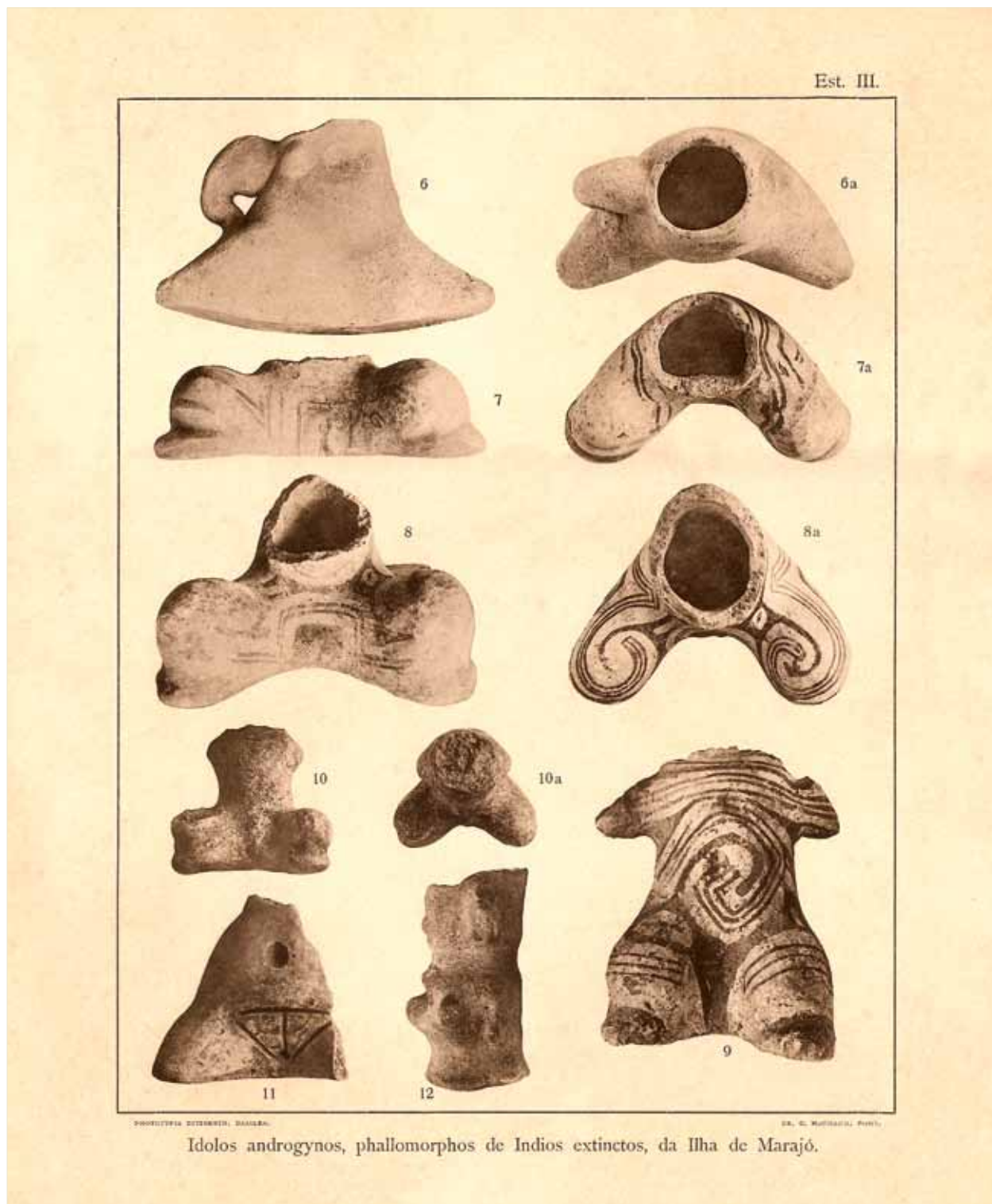
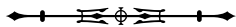


Figura 13. Ídolos andróginos, falomorfos de índios extintos, da ilha de Marajó (Estampa III).



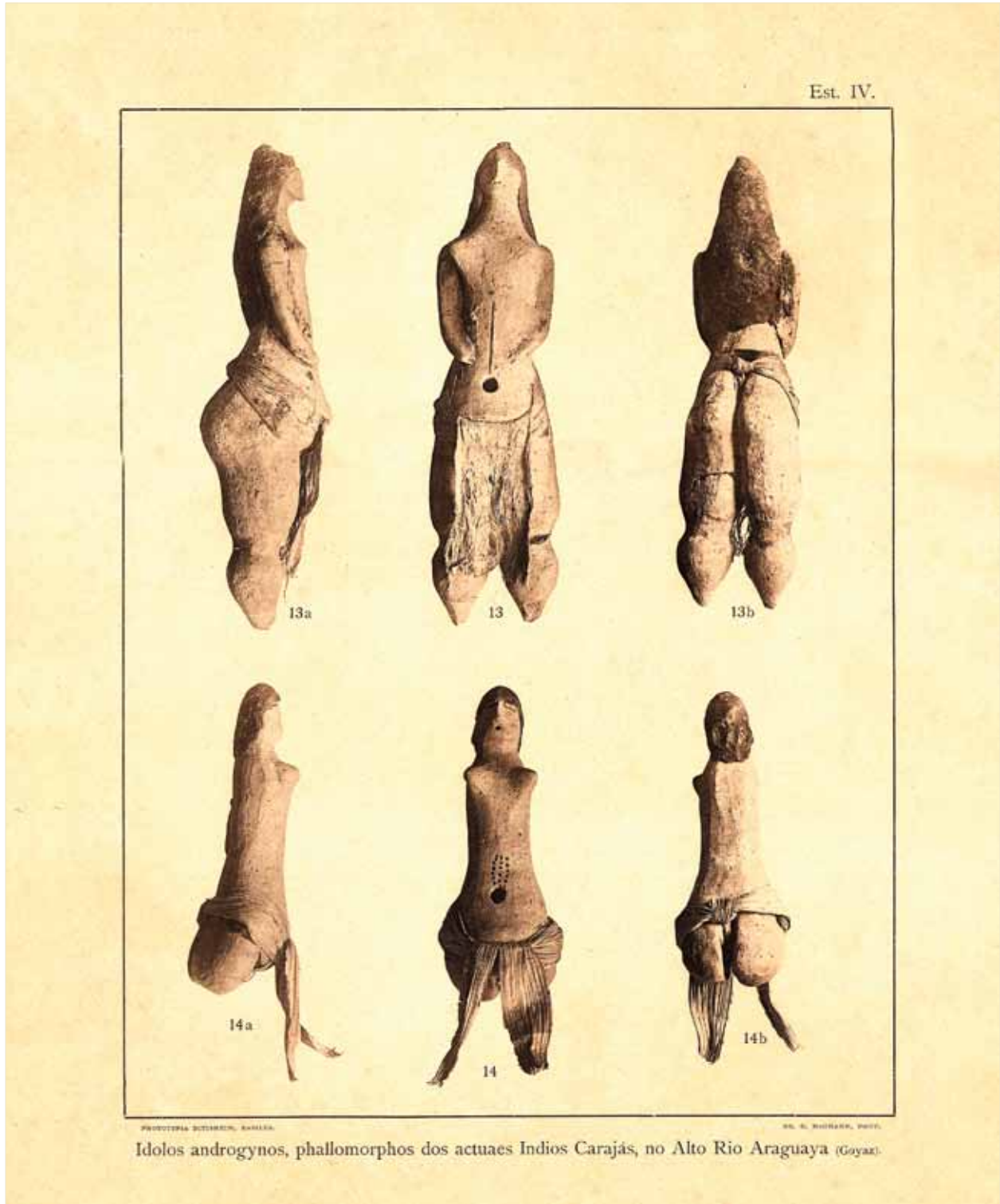
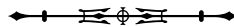


Figura 14. Ídolos andróginos, falomorfos dos atuais índios Carajás, no alto rio Araguaia (Estampa IV).



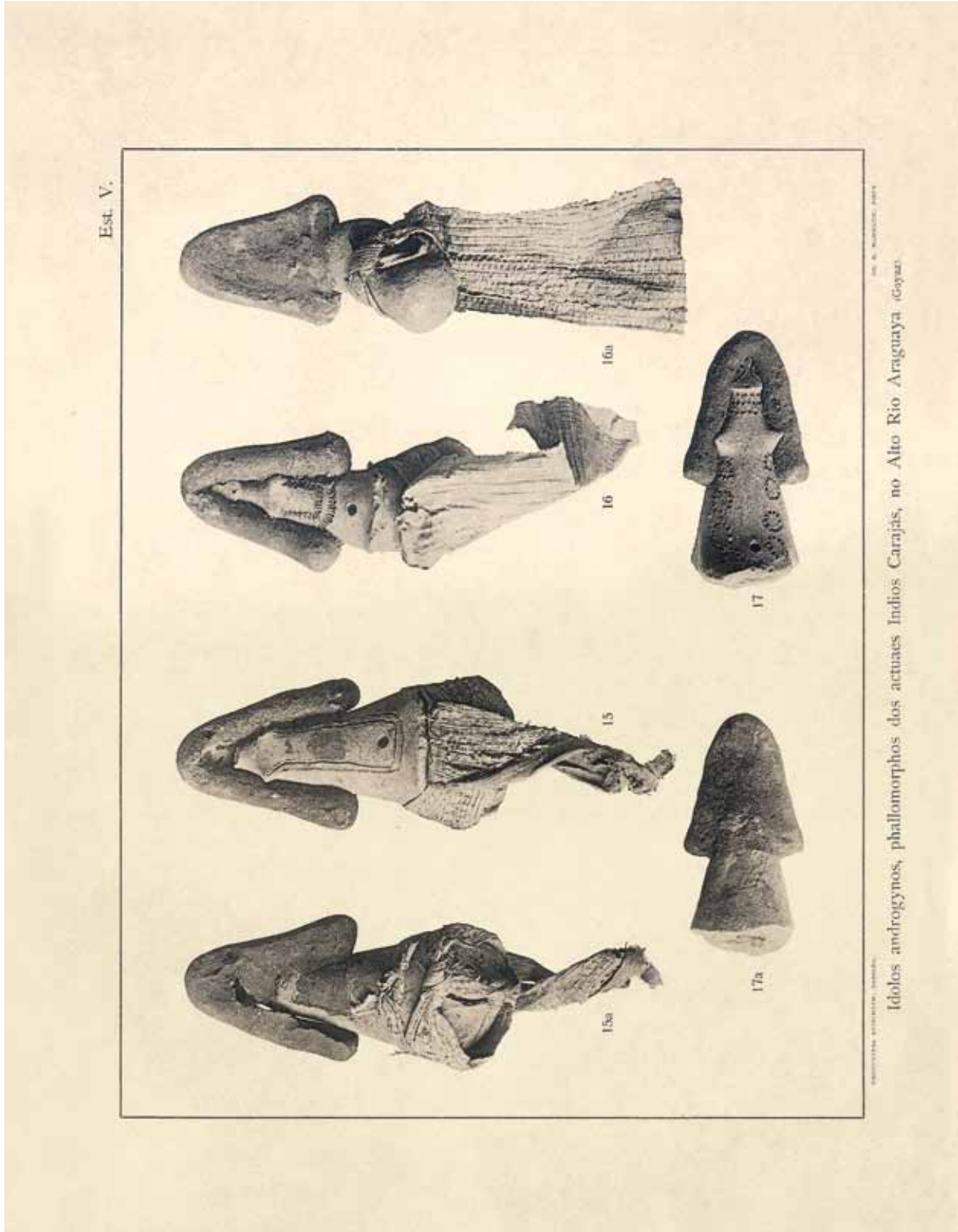


Figura 15. Ídolos andróginos, falomorfos dos atuais índios Carajás, no alto rio Araguaia (Estampa V).

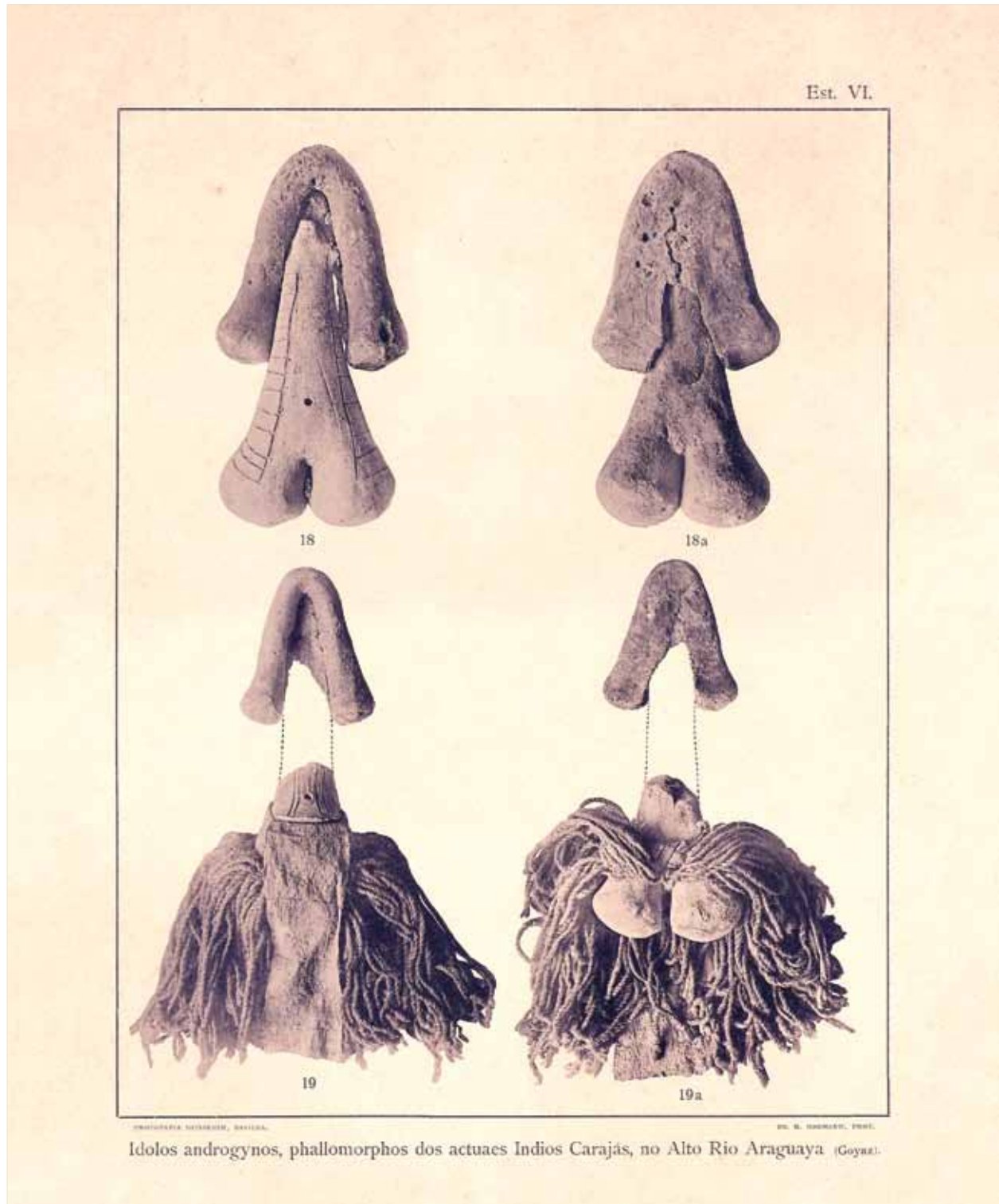


Figura 16. Ídolos andróginos, falomorfos dos atuais índios Carajás, no alto rio Araguaia (Estampa VI).





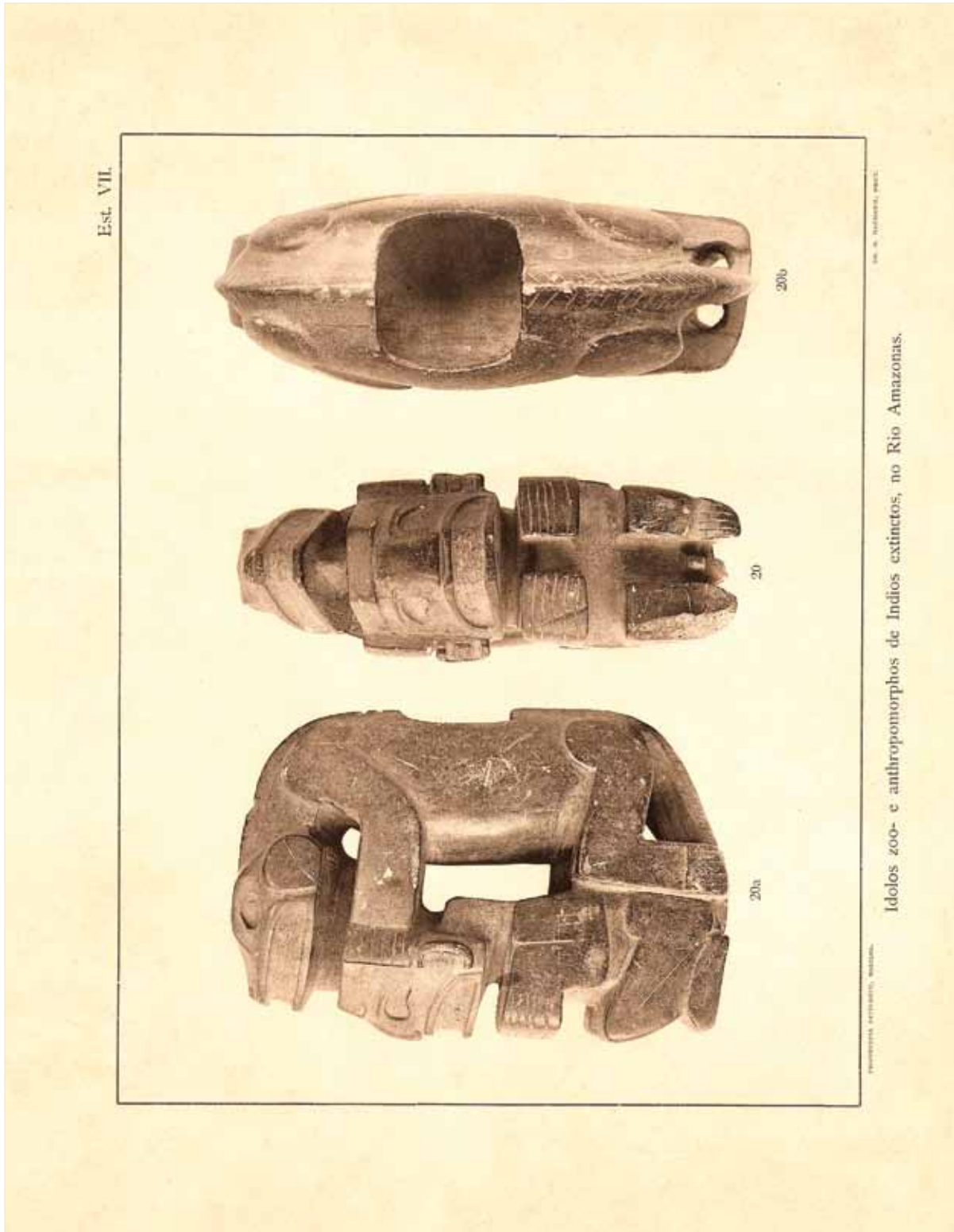


Figura 17. Ídolos zoo e antropomorfos de índios extintos, no rio Amazonas (Estampa VII).

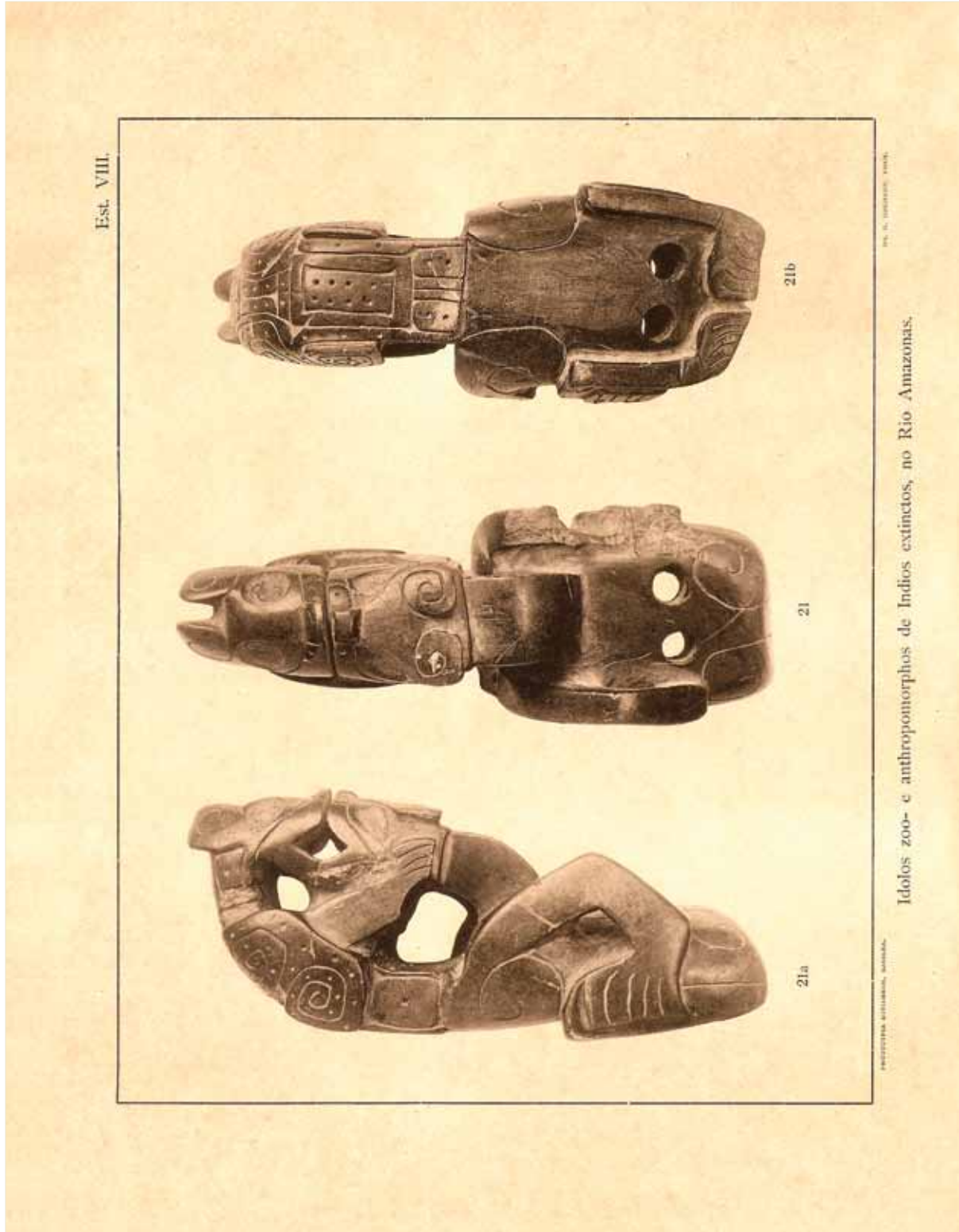


Figura 18. Ídolos zoo e antropomorfos de índios extintos, no rio Amazonas (Estampa VIII).

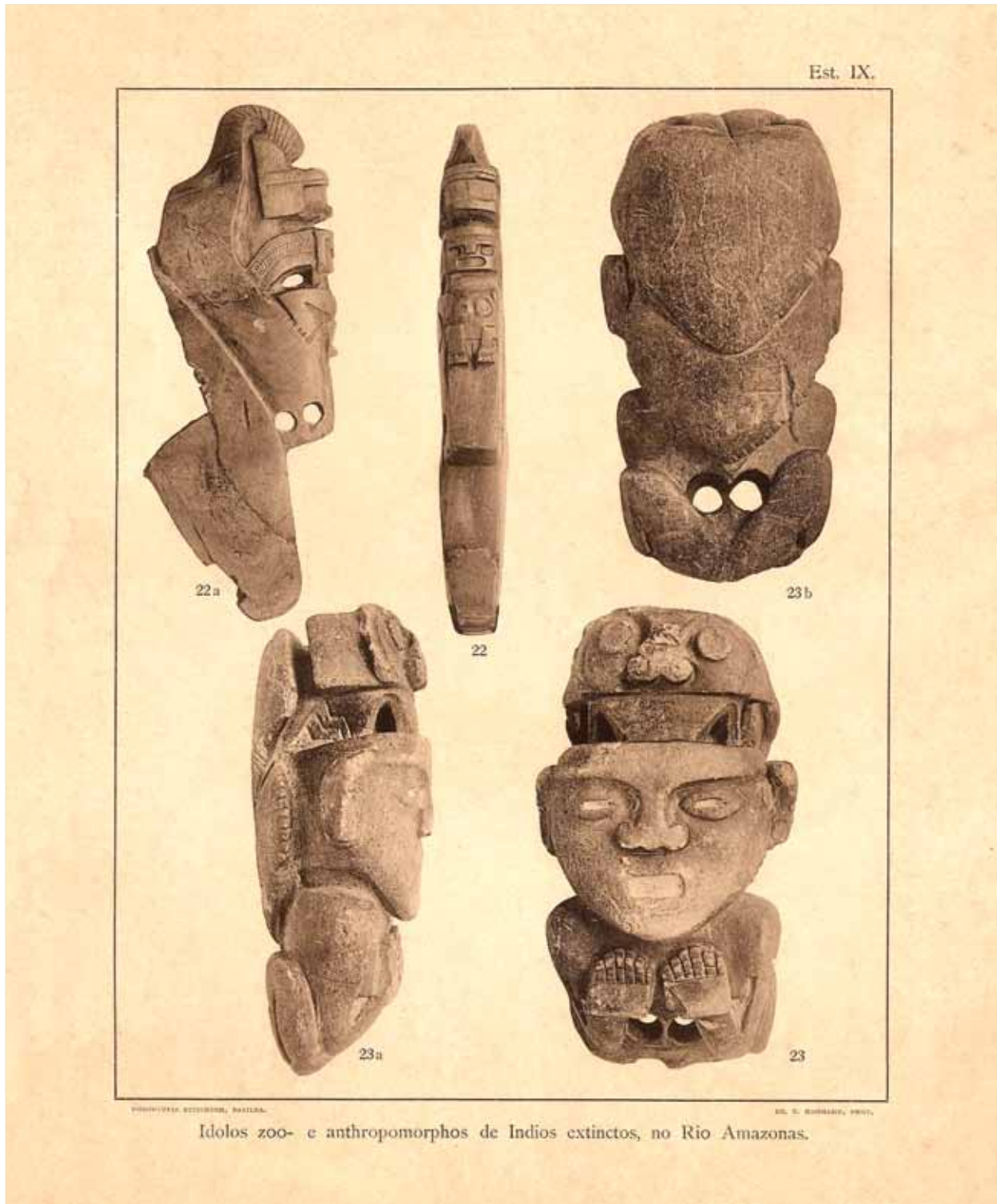


Figura 19. Ídolos zoo e antropomorfos de índios extintos, no rio Amazonas (Estampa IX).

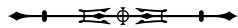




Figura 20. Ornamentos cerâmicos de índios extintos, no rio Amazonas (Estampa X)<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Apesar de Goeldi não ter citado essa estampa, ela foi incluída aqui por fazer parte de sua planejada publicação.

# Über den Gebrauch der Steinaxt bei jetzt lebenden Indianern Südamerikas, speziell Amazoniens.

Von Dr. Emil A. Göldi, Pará (Brasilien).

---

Es ist eine ganze Reihe von Jahren her, seit ich, kurze Zeit noch vor Sturz des brasilianischen Kaiserreiches, einem im Schosse der Geographischen Gesellschaft in Rio de Janeiro gehaltenen Vortrage beizuwohnen die glückliche Gelegenheit hatte, worin über den Verlauf und die Resultate der für alle Zeiten denkwürdigen Xingú-Erforschung zum ersten Male vor der Öffentlichkeit zusammenfassend berichtet wurde. An demselben packte mich besonders die Schilderung, die der Referent entwarf von einem Bakairí-Indianer, der, obwohl ein Glied der Gegenwart, ein ethnographisches Reliktum insofern darstellt, als er heute noch die prähistorische Steinaxt schwingt, um in mühevollster Arbeit den für seine Zwecke nötigen Urwaldriesen zu seinen Füßen zu legen, so wie es hier in der alten Welt unsere Vorfahren zur Steinzeit getan. Der an den Xingú-Quellen aller Berührung mit der Kultur ferngebliebene Autochthone geht des Morgens hinaus an den auserkorenen Baum, mit seinem ungeschlachten Werkzeug eine Arbeit beginnend, bei der ihn die Mittags- und die scheidende Abendsonne antrifft, ohne dass die Leistung mehr als einen winzigen Bruchteil des zu Leistenden darstellt. Ein Tag vergeht wie der andere, und nach Wochen noch schlägt der Bakairí in derselben Weise und an demselben Baumstamm — ein Wunder der Beharrlichkeit und Geduld darstellend — Monde an eine Arbeitsleistung setzend, die für eine moderne nordamerikanische Stahlaxt Sache von ein paar Stunden wäre.

## Sobre o uso dos machados de pedra de índios sul-americanos, especialmente amazônicos, atualmente existentes<sup>11</sup>

Pelo Dr. Emílio A. Goeldi, Pará (Brasil)

Faz muitos anos que eu, pouco antes da queda do império brasileiro, tive a feliz oportunidade de assistir a uma palestra realizada na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, na qual, resumidamente, pela primeira vez, foram relatados publicamente o decurso e os resultados da para sempre memorável expedição ao Xingu<sup>12</sup>. Na ocasião, o que mais me impressionou foi a descrição que o palestrante traçou de um índio Baikiri, que embora seja um contemporâneo nosso, constitui ainda hoje uma relíquia etnográfica no momento em que vibra o machado de pedra pré-histórico para, de maneira penosa, pôr a seus pés a enorme árvore da floresta nativa necessária para suas atividades, da mesma forma como aqui no Velho Mundo fizeram nossos antepassados na Idade da Pedra. O autóctone, que, nas cabeceiras do Xingu, permaneceu alheio a qualquer contato com a cultura, passa a manhã inteira junto à árvore escolhida, iniciando com sua ferramenta grosseira um trabalho durante o qual o encontra o sol do meio-dia e, em tom de despedida, o da tardinha, sem que seu esforço represente não mais que uma minúscula fração do ainda por fazer. Os dias se passam, e semanas depois o Baikiri ainda golpeia o tronco da árvore da mesma maneira – um milagre da perseverança –, gastando luas num trabalho que para um machado de aço norte-americano seria coisa de algumas horas.

A imagem desse filho infatigável dos povos nativos, que com seu machado de pedra primitivo precisa de meses de trabalho incessante para derrubar a árvore de que precisa para construir uma piroga de guerra ou para um trocano (tambor de alarme), nunca mais me deixou e permaneceu diante dos meus olhos por anos inteiros.

Com toda essa admiração com a curiosa prova de paciência, começaram a despertar em mim certas dúvidas acerca do fato de que o trabalho com o machado de pedra definitivamente não corresponde plenamente à imagem acima citada, e que fatores eventualmente não observados nem julgados poderiam ser interessantes. Não que eu tivesse me escandalizado com o desperdício de tempo – pois que já se sabe serem pouco desenvolvidos nos índios o senso e a percepção do valor do tempo –, mas eu não pude deixar de sentir a incontestável pouca praticidade de tal método, que tanto mais surpreende quando se sabe que é inerente aos nativos certo senso prático, na maioria dos casos até bem desenvolvido, de resolver problemas simples com meios simples.

As mesmas dúvidas cresceram em mim à medida que li o que os livros atuais dizem sobre o manejo e a utilização dos machados de pedra na Europa pré-histórica. Quando, por exemplo, se relata na página 247 da “Pré-história do homem”, de Hörnes (1892)<sup>13</sup>, que com extrema facilidade o *Schastad* dinamarquês trabalhava madeira e em pouco tempo conseguia derrubar troncos de pinheiros com instrumentos de sílex, além de lograr inclusive construir, em pouco tempo, uma casinha completa somente com ferramentas de pedra, não posso, assim, por mais que queira, formar outra opinião a não ser a de que, nesse caso, o machado de pedra terminantemente funciona mais como um martelo do que propriamente como uma ferramenta de corte. Hörnes chegou à seguinte conclusão: “De fato, visto

<sup>11</sup> Goeldi, E. A. Über den Gebrauch der Steinaxt bei jetzt lebenden Indianern Südamerikas, speziell Amazoniens. In: **Internationaler Amerikanisten-Kongress**, Vierzehnte Tagung, Stuttgart 1904. V. II. Berlin: W. Kohlhammer, 1906. p. 441-444.

<sup>12</sup> Goeldi refere-se à expedição de Karl von den Steinen, em 1884.

<sup>13</sup> Hörnes, Moriz. **Die Urgeschichte des Menschen nach dem heutigen Stande der Wissenschaft**. Wien: A. Hartlebens Verlag, 1892. il.



que um dos últimos povos remanescentes da Idade da Pedra, os Baikiris do alto Xingu, derruba grossos troncos de árvores com seus machados de diorito esquinados e gastos e que todas as ferramentas de madeira utilizadas por esse tronco indígena apresentam apenas pequenos vestígios de golpes, do que se pode deduzir que recebiam acabamento exclusivamente com tais machados, poder-se-ia presumir que os machados de diorito serviam também para muitas exigências da vida diária dos antigos europeus, para as quais eles hoje não nos parecem ser apropriados" (página 247). Aproveitarei nesse momento a oportunidade de mostrar a atual condição dessa conclusão.

Depois que, em 1894, em virtude da fundação de um museu de história natural, fui chamado ao Pará e mantive contato com uma seção etnográfica, propus-me firmemente a não perder nenhuma chance de obter, por meio de dados de pessoas de confiança, conhecimento exato sobre o modo de manejar o machado de pedra por parte daqueles troncos indígenas amazônicos que ainda o usam. Eu tinha certeza de que minhas suposições se confirmariam, e de fato correspondem tão plenamente aos extensos relatórios de duas páginas ou mais que tenho recebido, que hoje considero tal problema resolvido e com alegria me arrisco a proporcionar a publicação dessa contribuição – aparentemente pequena, mas vista mais de perto, não pouco importante – à história da arte e da indústria dos povos da idade da pedra dos velhos e dos novos tempos.

O resultado é, em rápidas palavras, o seguinte: as tribos indígenas do alto Amazonas que interessam em ambos os casos iniciam o processo de derrubada de uma árvore previamente escolhida, na época da abundância de seiva, desbastando e removendo com o machado de pedra a casca e o córtice até a profundidade da entrecasca, através de esmagamento em linha circular da parte pouco acima do solo, buscando o efeito de uma ligadura que interrompa a circulação da seiva e logre secar e matar a árvore. Algum tempo depois, quando se chega ao aspecto desejado, é que começa o efetivo trabalho de derrubada.

No mesmo lugar do anel esmaga-se com o machado de pedra uma camada moderada da área periférica de madeira, daí atea-se ao redor da árvore um fogo baixo alimentado com certa semente de palmeira, cuidadosamente mantido e controlado em duração e intensidade, posto que nesse processo, em primeiro lugar, se pretende não mais que: 1. a retirada do bagaço na operação anteriormente descrita; 2. a carbonização de uma nova camada circular moderada mais interior de madeira. Depois disso, o fogo é apagado e começa a segunda rodada de esmagamento com o machado, que mais tarde será de novo e da mesma forma substituído pela ação do fogo. E assim por diante, alternando-se esmagamento e carbonização, até a vitória completa sobre o gigante arbóreo. A operação, embora durando alguns dias, é executada de forma tão habilidosa, que o tronco e a área de corte da árvore não ficam muito diferentes das daquelas que fossem derrubadas com um moderno machado de aço.

Preciso confessar que tal procedimento propõe um olhar essencialmente diferente daquele apresentado nos livros até agora: o machado de pedra funciona menos como instrumento de corte do que de esmagamento; 2. machado de pedra e fogo atuam em conjunto, ainda que alternados (esmagamento e carbonização), e cabe à sua força conjunta a implementação do trabalho, que, sem pensar, estávamos acostumados a atribuir tão só ao primeiro.

Essa solução satisfará, contanto que nossa fé no senso prático de um povo natural não fique frustrada nem deixe que os índios persistam em fazer o papel estúpido de alguém que desperdice irrefletidamente suas forças e golpeie por meses sem se dar conta de seus recursos. De resto, também a observação de um autêntico machado de pedra munido de cabo deveria, em si, imediatamente ensinar que ele quase nunca seria construído para ser resistente o bastante a fim de corresponder plenamente às exigências hipotéticas no sentido acima descrito: o fato de se derrubar troncos de madeira dura por meio do machado de pedra exige, naturalmente, uma outra explicação, relativa ao manejo

racional dessa ferramenta, e para mim permanecerá sempre um enigma o modo como em círculos científicos, por muito tempo, não se chegou à idéia de seguir com maior exatidão o rastro do manejo do machado de pedra entre os povos ainda existentes.

Creio não me enganar ao acreditar que essa pequena contribuição à etnografia sul-americana será bem-vinda, também, para os estudiosos da pré-história, na medida em que pode estimular uma comparação e revisão mais cuidadosas referentes à cultura da Idade da Pedra do Velho e do Novo Mundo.

